



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ISABELLA MEDEIROS FERRO

**INDICADORES DE SUJEITO NA LÍNGUA KAINGANG
(MACRO-JÊ):
ANÁLISES E CONSIDERAÇÕES**

Londrina
2021

ISABELLA MEDEIROS FERRO

**INDICADORES DE SUJEITO NA LÍNGUA KAINGANG
(MACRO-JÊ):
ANÁLISES E CONSIDERAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silveira.

Londrina
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Ferro, Isabella.

Indicadores de sujeito na língua kaingang : análises e considerações / Isabella Ferro. - Londrina, 2021. 106 f.

Orientador: Marcelo Silveira.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Kaingang - Tese. 2. Indicadores de sujeito - Tese. 3. Referencialidade Tese. 4. Atos de fala - Tese. I. Silveira, Marcelo. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

ISABELLA MEDEIROS FERRO

**INDICADORES DE SUJEITO NA LÍNGUA KAINGANG
(MACRO-JÊ):
ANÁLISES E CONSIDERAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silveira
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. Angel Corbera Mori
Universidade de Campinas – UNICAMP

Prof. Dr. Nanblá Gakran
Universidade Federal de Santa Catarina -
UFSC

Londrina, 12 de abril de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Marcelo Silveira, pela orientação, pela oportunidade, pela confiança e pela parceria durante todo o percurso da minha vida acadêmica.

À Prof. Dra. Maria José Guerra, cujos ensinamentos caminham sempre comigo.

Aos membros da banca, Prof. Angel Corbera Mori e Prof. Dr. Nanblá Gakran, que contribuíram imensamente com esta pesquisa.

Aos docentes e funcionários do PPGEL–UEL, que me incentivaram e contribuíram com a minha formação.

Ao povo Kaingang, por não desistirem.

À Damaris Kanĩnsãnh, pelos ensinamentos, pela paciência, pela disponibilidade e por toda a contribuição.

À Luana, minha parceira acadêmica.

À minha família, em especial meus pais e minhas avós.

Ao Kiss, pelos debates, por me incentivar e por estar sempre comigo.

E, por fim, mas não menos importante, às minhas amigas, pelo apoio e pelos momentos de descontração.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*For small creatures such as we
the vastness is bearable only through love.*

Carl Sagan

FERRO, Isabella Medeiros Ferro. **Indicadores de sujeito da língua Kaingang (Macro-Jê): análises e considerações**. 2021. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

RESUMO

Atualmente a comunidade Kaingang da Terra Indígena Apucarantina, localizada próximo a Tamarana-PR, carece de materiais pedagógicos para o ensino-aprendizagem da língua materna, portanto a elaboração de uma gramática da língua, demandada pelos próprios professores bilíngues, se faz necessária. Diante disso, o objetivo geral deste trabalho é analisar e tecer considerações acerca dos indicadores de sujeito da língua Kaingang, pertencente à família linguística Jê, do tronco Macro-Jê, o que permitirá contribuir, por meio da descrição linguística, com a elaboração de uma Gramática Pedagógica da língua. Segundo Seki (2000), o estudo das línguas indígenas contribui cientificamente com as teorias linguísticas, seja com novas hipóteses ou reformulações teóricas, já que são menos conhecidas pela ciência, bem como contribui socialmente, auxiliando, conforme a vontade da comunidade, a preservar e/ou revitalizar suas línguas. Não há consenso sobre a categoria dos morfemas indicadores de sujeito e suas funções; para Wiesemann (2011), são posposições que, em função do sujeito da oração, seguem substantivos, alguns pronomes ou frases substantivadas; para Nascimento (1995), os indicadores marcam os sistemas de caso presentes na língua; Nascimento (2017), por sua vez, defende que são núcleos oracionais que têm como função licenciar as orações matrizes. Diante disso, analiso os morfemas *mỹ*, *vỹ*, *jé* e *nỹ*, em orações elicitadas, com base na teoria linguística dos atos de fala e apresento a hipótese, com corpus de narrativas, que morfema *tóg* é utilizado como marcador de coerência referencial. Os resultados mostram que *mỹ* marca orações interrogativas polares, *jé* marca orações imperativas, *nỹ* acompanha palavras interrogativas, a marcação de orações declarativas é zero, seja declarativa positiva ou negativa. A hipótese do marcador *tóg* é válida, porém é necessária mais investigação.

Palavras-chave: kaingang; indicadores de sujeito; referencialidade; atos de fala.

FERRO, Isabella Medeiros Ferro. **Subject Indicators of Kaingang language (Macro-Jê): analyses and considerations**. 2021. 104 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

ABSTRACT

Currently, the Kaingang community of the Apucarantina Indigenous Land, located near Tamarana-PR, lacks pedagogical materials for teaching and learning the mother tongue, so the development of a grammar of the language, required by the bilingual teachers, is necessary. Therefore, the general objective of this work is to analyze and make considerations about the subject indicators of the Kaingang language (Jê linguistic family, Macro-Jê branch), which will contribute to the elaboration of a Pedagogical grammar of the language. According to Seki (2000), the study of indigenous languages contributes scientifically to linguistic theories, whether with new hypotheses or theoretical reformulations, since they are less known by science, as well as it contributes socially, helping, according to the will of the community, to preserve and / or revitalize their languages. There is no consensus on the category of subject indicator morphemes and their functions; for Wiesemann (2011), they are postpositions that, depending on the subject of the sentence, follow nouns, some pronouns or substantive phrases; for Nascimento (1995), the indicators mark the case systems present in the language; Nascimento (2017), in turn, argues that they are orational nuclei that have the function of licensing the main clauses. Therefore, I analyze the morphemes *mỹ*, *vỹ*, *jé* and *nỹ*, in elicited sentences, based on the linguistic theory of speech acts and present the hypothesis, with corpus of narratives, that the morpheme *tóg* is used as a marker of referential coherence. The results show that *mỹ* marks polar interrogative sentences, *jé* marks imperative sentences, *nỹ* accompanies interrogative words, declarative sentences are marked zero, whether positive or negative.

Keywords: Kaingang; subject indicators; referentiality; speech acts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Mapa das Terras Indígenas Kaingang	18
-------------------	--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Vogais orais	22
Quadro 2 - Vogais nasais	22
Quadro 3 - Consoantes oclusivas	22
Quadro 4 - Consoantes contínuas	22
Quadro 5 - Pronomes pessoais e possessivos	30
Quadro 6 - Sistematização de modo e aspecto do Kaingang	32
Quadro 7 - Estado da arte indicadores de sujeito	34
Quadro 8 - Pronomes seguidos de partículas em Kaingang	36
Quadro 9 - Marcação casual em Kaingang	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1	1ª pessoa
2	2ª pessoa
3	3ª pessoa
ABS	absolutivo
ASP	aspecto
CIRC	marcador de circunstância
COORD	coordenador
CONJ	conjunção
ERG	ergativo
EXIST	marcador de existência
F	feminino
FUT	futuro
IMP	imperativo
INTJ	interjeição
INT	interrogativa
MS	marcador de sujeito
M	masculino
MO	modo
NOM	nominativo
NUC	núcleo oracional
PL	plural
POSS	possessivo
SG	singular

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS	13
1.2	METODOLOGIA	13
2	POVO KAINGANG	17
2.1	TERRA INDÍGENA APUCARANINHA	17
2.2	PANORAMA GERAL DA LÍNGUA KAINGANG	19
3	ESTADO DA ARTE	34
4	REFERENCIAL TEÓRICO	46
4.1	ATOS DE FALA	46
4.2	RELAÇÕES GRAMATICAIS.....	56
4.3	COERÊNCIA REFERENCIAL	62
5	ANÁLISE	72
5.1	ATOS DE FALA	72
5.2	COERÊNCIA REFERENCIAL: NARRATIVAS.....	85
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
	REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema os *indicadores de sujeito*¹ da língua Kaingang falada na Terra Indígena Apucarantina (PR). Os Kaingang estão entre os povos indígenas mais populosos do Brasil, sua língua faz parte da família Jê, do tronco Macro-Jê, que, junto ao Xokleng, compõe o ramo Jê Meridional.

O tema deste trabalho foi inspirado nos primeiros contatos que tive com a língua Kaingang no 2º ano de graduação em Letras Português, na Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2017. Ao ingressar no projeto “Bilinguismo e a presença indígena na Universidade: uma troca de saberes” (2013-2016), cuja continuidade é dada pelos projetos de pesquisa “Gramática, Bilinguismo e Multietnia” e “Caderno de Teorias da Linguagem 2”, fui apresentada à temática da ergatividade na língua Kaingang, que motivou o estudo dos morfemas *indicadores de sujeito*, pois, além de não ter nenhum trabalho que trate especificamente desses morfemas, não há um consenso sobre as definições entre os trabalhos que, em algum momento, tratam do tema. Da mesma forma, fui levada a conhecer o *status* dos estudos de línguas indígenas no Brasil.

Segundo o Censo de 2010, o Brasil possui cerca de 274 línguas e 305 etnias diferentes. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta a necessidade de estudos linguísticos e antropológicos para definir esses números de forma mais precisa, visto que algumas línguas podem ser dialetos/variações de uma mesma língua, o que também acontece com as etnias. Portanto, o Brasil é um país plurilíngue e multicultural, porém não é essa imagem que tem refletido, desde a época colonial, quando tentou, como se fosse possível, unificar a língua e a cultura. Apenas com a Constituição Federal de 1988 as línguas e as culturas indígenas obtiveram reconhecimento oficial e o direito de exercê-las (OLIVEIRA, 2003).

Rodrigues (1986) esclarece a situação da diversidade linguística, contrapondo o pensamento de unidade linguística e cultural dos povos indígenas:

Os índios do Brasil não são um povo: são muitos povos diferentes de nós e diferentes entre si. Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes estéticas, crenças

¹ Termo usado por Wiesemann (1972). Neste trabalho usarei o termo *marcadores de sujeito*, quando não estiver me referindo à categorização de Wiesemann.

religiosas, organização social e filosofia peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas (RODRIGUES, 1986, p. 17).

A riqueza dessa diversidade não é valorizada como deveria ser. Os povos indígenas vêm sofrendo massacre, perdendo suas terras, seus meios de sobrevivência e sua língua. Estima-se que foram extinguidas cerca mil línguas desde o início da colonização (RODRIGUES, 1993).

Com isso, a preocupação em torno das línguas indígenas é latente. Segundo Seki (2000), o estudo das línguas indígenas contribui tanto cientificamente com as teorias linguísticas, seja com novas hipóteses ou reformulações teóricas, já que as línguas indígenas são menos conhecidas pela ciência, quanto socialmente, auxiliando, conforme a vontade da comunidade, a preservar e/ou revitalizar suas línguas.

Apesar da grande população, a língua Kaingang corre risco de desaparecer, pois, segundo Braggio (2003, p. 115), “uma comunidade monolíngüe em sua língua nativa passa a bilíngüe (em tipos variados que vão se aprofundando) e, finalmente a monolíngüe na língua majoritária”. Dessa forma, a elaboração de materiais fruto das investigações linguísticas contribui para a revitalização, manutenção cultural e identitária das línguas minoritárias; a língua, por sua vez, faz parte da cultura de um povo, de sua identidade, logo é necessário “o desenvolvimento de atividades que propiciem a restauração da autoestima e de uma atitude positiva em relação à língua e à cultura e que contribuam para o fortalecimento das mesmas” (SEKI, 2000, p. 246).

A ortografia Kaingang utilizada neste trabalho corresponde à elaborada por Wiesemann, desenvolvida na TI Rio das Cobras, nos anos 1958 até 1966, e constante em sua obra *Dicionário Kaingang-Português Português-Kaingang* (2011). Não modifiquei, contudo, a ortografia de dados extraídos de outros trabalhos. Em 1997, foi realizado um encontro para tratar da ortografia da língua Kaingang para a alteração de M e N diante de vogais orais para B e D, ficou, contudo, decidido pela manutenção da ortografia dada por Wiesemann, a fim de gerar menos complicações.

Esta dissertação está dividida em 5 capítulos. O capítulo 1 trata da introdução, objetivos gerais e específicos e o caminho metodológico da pesquisa;

no capítulo 2 apresento brevemente sobre o povo Kaingang, sobre a Terra Indígena Apucarantina e um panorama geral da língua; o capítulo 3 traz o estado da arte acerca dos *indicadores de sujeito*; o capítulo 4, o referencial teórico, passando pelos Atos de Fala, Relações Gramaticais e pela teoria de Coerência Referencial; por fim, o capítulo 5 traz as análises das orações elicitadas e das narrativas.

1.1 Objetivos gerais e específicos

Esta pesquisa tem como objetivo tecer considerações sobre os morfemas *indicadores de sujeito*, já que não há trabalhos que tratam especificamente do tema e tampouco há um consenso entre os pesquisadores que tratam sobre esse tópico. Além disso, também tem o intuito colaborar com a elaboração de uma Gramática Pedagógica da Língua Kaingang, que está sendo desenvolvida no projeto “Gramática, Bilinguismo e Multietnia”, da Universidade Estadual de Londrina.

Assim, como objetivos específicos esta pesquisa busca i) contribuir com as pesquisas em línguas indígenas brasileiras; ii) colaborar com a discussão acerca dos *indicadores de sujeito* da língua Kaingang; iii) contribuir com estudos linguísticos comparativos e tipológicos; e iv) contribuir cientificamente com as teorias linguísticas. Quanto aos *indicadores de sujeito*, nossos objetivos são v) analisar os morfemas *mỹ, vỹ, jé, nỹ* com base na teoria linguística dos Atos de fala; e, por fim, vii) apresentar hipóteses acerca do morfema *tóg*, por meio de narrativas.

A ideia inicial do trabalho era descrever todos os *indicadores de sujeito*, partindo de uma perspectiva teórica que abrangesse as funções de cada morfema, porém, durante a pesquisa, percebemos que, além de não ser possível explicá-los com base em uma única perspectiva teórica, o tempo para fazê-lo não seria suficiente.

1.2 Metodologia

Para Givón (2001), é preciso, antes de analisar a fala natural, ter um conhecimento prévio acerca da morfologia e da estrutura da oração, pois, sem esse conhecimento, não é possível começar a analisar a fala natural. A partir

disso, refleti em que estágio a língua Kaingang se encontra, se já seria possível usar o mais próximo de uma fala natural ou se, ainda, era preciso usar de elicitación. Percebi que esse seria um ponto decisivo na metodologia do meu trabalho. Dessa forma, junto com meu orientador, conclui que, com os trabalhos já realizados por outros pesquisadores, seria possível fazer a análise desse aspecto gramatical em si, com base em uma coleta de dados mais próxima de uma fala real, dentro de um contexto, seguindo os pressupostos funcionalistas da linguagem.

Sobre o assunto, Payne (1997) diz que tanto a elicitación quanto a coleta de textos têm vantagens e desvantagens, e ambas são essenciais para a linguística descritiva; a proporcionalidade dependerá do objeto de pesquisa. O autor define a elicitación como coleta de amostras da língua a partir situações hipotéticas de comunicação e o texto como uma amostra não hipotética. O autor sugere que o que é mais controlado e sistemático dentro da língua, como fonologia (excluindo entonação), morfofonêmica, morfologia derivacional, inventário flexional (flexão de pessoa, número, concordância, marcador de caso), inventário de pronomes e inventário lexical (por exemplo, aquisição de palavras), pode ser mais bem abordado por meio de dados elicitados; para a coleta de dados, cujo tema abordará aspectos que incluem semântica e pragmática, como entonação, ordem das constituintes, morfologia flexional (incluindo tempo/modo/aspecto), alinhamento das relações gramaticais e papéis semânticos, partículas do nível da oração (evidenciais, marcadores pragmáticos) e semântica lexical, o autor sugere um grande *corpus* de textos, além de usar elicitación quando necessário.

Procurando alcançar o mais próximo de uma fala real e contextualizada, optamos primeiramente pela coleta de textos gravados.

Os bons dados de texto não são controlados, são abertos e dinâmicos. Um texto conterá formas que nunca aparecem na elicitación. Ele também conterá formas que aparecem na elicitación, mas algumas vezes em usos claramente diferentes e outras vezes sutilmente diferentes² (PAYNE, 1997, p. 366).

² Tradução livre de: "Good text data are uncontrolled, open-ended, and dynamic. A text will contain forms that never appear in elicitation. It will also contain forms that appear in elicitation, but in sometimes obviously and sometimes subtly different usages." (PAYNE, 1997, p. 366).

Corroborando, também, com as ideias de Dixon (2007, p. 11), “A única maneira de compreender a estrutura gramatical de uma língua é analisar textos gravados nesse idioma (não perguntando como traduzir sentenças da *língua franca*)”. Assim como Payne, Dixon concorda que a elicitación pode ser usada para preencher algumas lacunas, mas a maior parte da análise deve contemplar textos.

Inicialmente, como dito anteriormente, a proposta de análise abarcava a maioria dos morfemas marcadores de sujeito, porém percebemos que são necessárias diferentes teorias para descrevê-los, não sendo possível, até o momento, encaixá-los em uma única perspectiva teórica.

No início do curso de mestrado fui até à Terra Indígena Apucarantina, junto aos colegas de pesquisa e orientador, para realizar a coleta de uma narrativa sobre algum fato que aconteceu com cada colaborador. Foi disponibilizado pela Universidade Estadual de Londrina um carro e um motorista que nos levasse à TI. Chegando lá nos encontramos com uma colaboradora do projeto que morava na aldeia Sede; ela nos apresentou 3 moradores da TI, que colaboraram com nossa pesquisa, assim fizemos as gravações com nossos *smartphones* para depois realizar as transcrições e as traduções. Em um segundo momento nos encontramos com nossa outra colaboradora, e contatamos mais 9 participantes, porém, nem todos eram moradores da TI, o que nos fez selecionar as narrativas dos falantes da TI. Da mesma forma, efetuamos as gravações.

A abordagem dos participantes foi feita pelas colaboradoras do projeto, que são indígenas e proporcionam maior segurança para os participantes.

As transcrições e as traduções foram feitas por uma das nossas colaboradoras, que faz parte do mesmo grupo de pesquisa ao qual estou vinculada. Temos o privilégio de contar com uma pesquisadora indígena Kaingang bilíngue (Kaingang/Português) que nos auxilia em todo o processo de pesquisa, desde o contato com a comunidade até a transcrição e discussões teóricas.

A partir da obra final das transcrições, que contavam com a transcrição exata, uma versão formal (considerada norma padrão) e a tradução para a Língua Portuguesa, busquei selecionar os *indicadores de sujeito*, porém percebi que nem todos os morfemas da lista apresentada por Wiesemann (2011, p. 160) apareceram nos textos, sendo necessário, então, usar elicitación.

Para a elicitación, a proposta inicial era a coleta das orações *in loco*, com diferentes participantes, mas, devido à pandemia do novo Coronavírus e, conseqüentemente, a impossibilidade de ir até a TI ou de os alunos irem até a Universidade, as orações foram coletadas *online*, por meio de listas de orações e do aplicativo WhatsApp, que foi usado para discussões e conversas a respeito da contextualização das orações e dúvidas surgidas no decorrer da pesquisa. Foram elaboradas 65 orações conforme o tipo de oração (interrogativa, declarativa e imperativa).

2 POVO KAINGANG

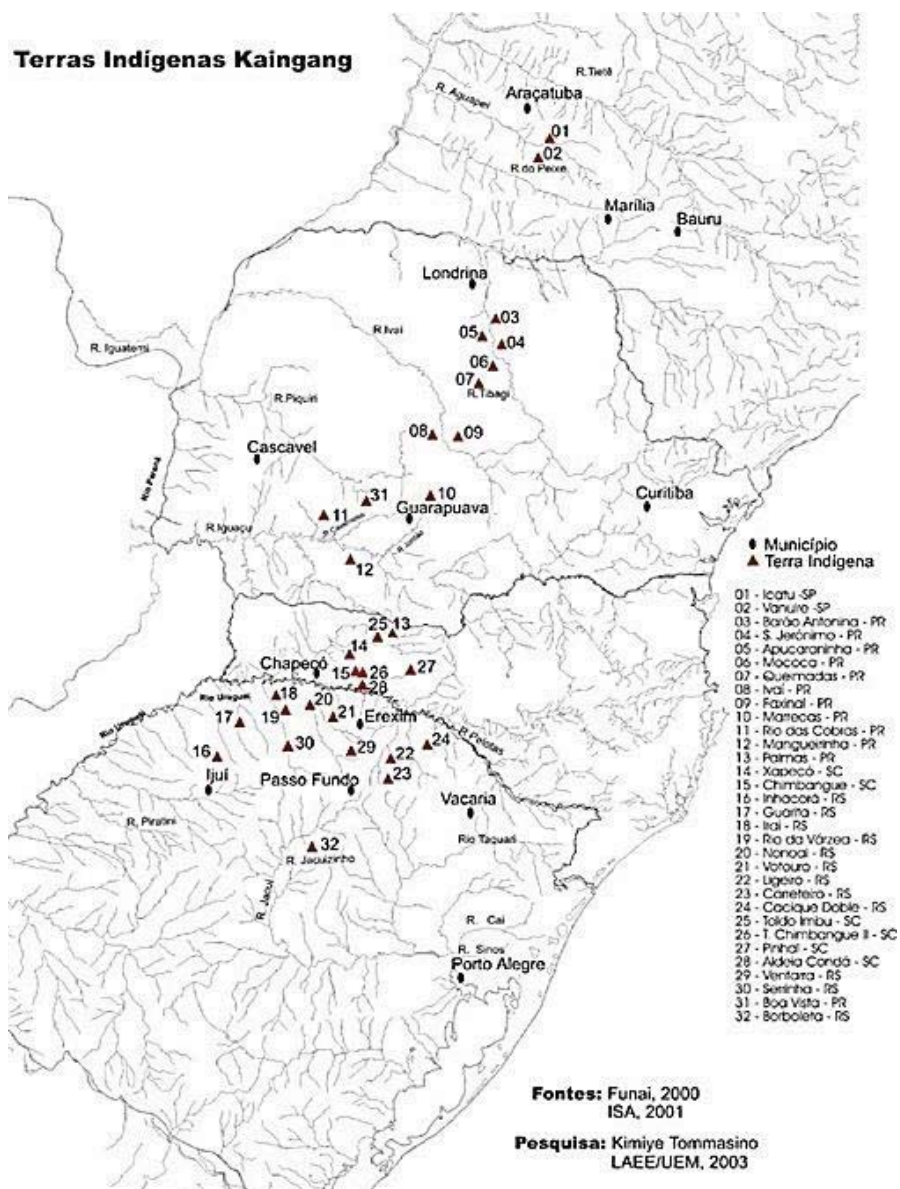
O povo Kaingang está entre os povos indígenas mais populosos do Brasil; calcula-se, segundo o Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI) e a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) de 2014, aproximadamente 45.620 Kaingang distribuídos em mais de 30 Terras Indígenas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Sua língua faz parte da família Jê, do tronco Macro-Jê, que, junto ao Xokleng, compõe o ramo Jê Meridional.

A organização social do povo Kaingang é baseada na divisão exogâmica entre os *Kamê* e os *Kanhru*. Os *Kamê* são relacionados à pintura facial com motivos compridos e os *Kanhru* com motivos redondos; entre os *Kamê*, há as seções *Kamê* e *Wonhétky*, e entre os *Kanhru*, as seções *Kanhru* e *Votor*. Cada metade é definida patrilateralmente, ou seja, os filhos pertencem à metade do pai. Os seres e os objetos também são relacionados às metades (VEIGA, 1994).

2.1 Terra Indígena Apucarantina

A Terra Indígena (TI) Apucarantina, onde foi realizada a coleta dos dados e onde habitam nossos colaboradores, é composta por quatro aldeias: Sede, Barreiro, Água Branca e Serrinha, e está localizada a aproximadamente 100km de Londrina-PR, no município de Tamarana-PR. Correspondente ao número 5 na figura 1.

Figura 1: Mapa das Terras Indígenas Kaingang



Fonte: PIB (2002, p. 1).

Segundo o SIASI/SESAI (2014), estima-se 1752 habitantes na TI, em uma área de aproximadamente 6300 mil hectares, porém, segundo Felisbino (2018), as lideranças indígenas afirmam que, por haver erro na demarcação, a TI está, na realidade, com 5300 hectares.

Na TI Apucarantina há um posto de saúde, uma igreja católica, sete igrejas protestantes, uma cadeia e alguns salões de festa; há uma escola que atende os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e outra que atende os Anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

As crianças costumam aprender a Língua Portuguesa somente a partir dos 6-8 anos de idade, pois a alfabetização em língua materna é prioritária; dessa forma, a quantidade de falantes da língua Kaingang é bastante expressiva, chegando a quase a totalidade dos habitantes das quatro aldeias. Moradores não falantes da língua Kaingang se restringem aos Kaingang vindos de aldeias onde não se fala a língua da etnia, aos nascidos na zona urbana, a indígenas de outras etnias e a não indígenas casados com Kaingang. Para um não indígena morar na TI ele deve obter a autorização do cacique, mas, segundo nossa colaboradora, atualmente o cacique tem proibido não indígenas casados com indígenas de morar na TI Apucarantina; assim sendo, o cônjuge indígena precisará ir morar fora da TI.

Ao longo dos anos, os povos indígenas vêm perdendo suas terras e, com isso, seus meios de sobrevivência. Conforme Tommasino (1995), o povo Kaingang, com a degradação da biodiversidade natural, perdeu gradativamente a autonomia econômica de caça-pesca-coleta e hoje é dependente do sistema de mercado. Atualmente, a obtenção de renda se dá por meio da venda de artesanato, do trabalho assalariado, como funcionários da FUNAI, das escolas e do posto de saúde da aldeia, da criação de animais e da agricultura de subsistência.

2.2 Panorama Geral da língua Kaingang

Neste tópico são apresentadas breves considerações acerca da língua Kaingang, que foram extraídas de diversos trabalhos realizados por pesquisadores ao longo dos anos. Segundo D'Angelis (2003), o primeiro registro da língua foi feito em 1842 na publicação *Memória sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava*, de Padre Francisco das Chagas Lima; já os primeiros vocabulários foram feitos por Auguste de Saint-Hilaire, publicados em 1852³.

Ressalto que, por meio de uma contextualização sucinta, comentaremos brevemente a ortografia, o alfabeto e seus correspondentes fonêmicos, o padrão silábico, a ordem oracional, os pronomes, a categoria de tempo, modo e aspecto,

³ O autor ressalta que, em 1630, o Padre Antonio Ruiz de Montoya fez um registro numa carta sobre uma língua indígena falada no Paraná, porém acredita-se que a língua seja o Xokleng, língua muito próxima tipológica e geneticamente ao Kaingang.

os indicadores de circunstância e o gênero, estudadas sobre essa língua. Como exemplos, sempre que possível, utilizarei orações de colaboradores da TI Apucarantina-PR, sejam eles encontrados em trabalhos acadêmicos ou elicitados durante nossa pesquisa.

A ortografia da língua Kaingang foi desenvolvida por Wiesemann junto com colaboradores indígenas. Wiesemann foi pesquisadora do Summer Institute of Linguistics (SIL), uma organização sem fins lucrativos de cunho religioso. O SIL é especializado na tradução do Novo Testamento para línguas ágrafas e utiliza métodos de evangelização para comunidades rurais e pequenas, nas quais formam agentes evangélicos nativos dentro da comunidade. Além disso, o Instituto não evangeliza através de cultos e celebrações, mas, sim, pela tradução da bíblia; portanto a missão do SIL é traduzir a bíblia e ao mesmo tempo formar agentes religiosos nativos que pregarão a palavra de Deus na comunidade (BARROS, 2004). À vista disso, as pesquisas e as produções de Wiesemann trazem consigo forte cunho religioso.

Depois de alguns anos trabalhando e convivendo com os Kaingang, Wiesemann desenvolveu uma escrita para a língua e, junto com a comunidade, escreveu um dicionário, além de ter treinado professores indígenas para desenvolver a didática para o ensino da língua, vindo a colaborar com a formação de professores Kaingang entre 1972 e 1980; a formação ocorreu no Centro de Treinamento Clara Camarão, na TI Guarita.

Para lá foram encaminhados jovens Kaingáng de ambos os sexos, provenientes de praticamente todas as áreas indígenas do Sul do país. Os cursos não tinham propriamente um equivalente no currículo escolar brasileiro (a maioria dos jovens levados a cursá-lo havia feito as 4 séries iniciais nas escolas de suas áreas), mas duravam três anos, formando professores (que o Summer sempre denominou *Monitores* e “técnicos agrícolas”. Deslocados para uma outra área indígena, mas em um regime de internato dirigido e controlado por não-índios evangélicos proselitistas (vários deles estrangeiros, e os demais, quase todos descendentes de imigrantes alemães), aqueles jovens Kaingáng viveram uma forte experiência de desenraizamento na própria terra¹⁹ (D’ANGELIS, 2009, p. 9).

O autor, em nota de rodapé, explica que os jovens Kaingang, em sua grande maioria, tornaram-se evangélicos, e várias moças buscaram casamentos com não índios.

Wiesemann traduziu, junto com colaboradores formados pela Escola Clara Camarão, o Novo Testamento para o idioma Kaingang.⁴

O Dicionário Kaingang-Português/Português-Kaingang produzido pela autora teve sua 1ª edição em 1971, e a 2ª em 1981. Segundo Jolkesky (2006) as edições são praticamente iguais, sendo mais próximas de uma lista vocabular do que de um dicionário, cada edição é composta por 2600 itens em cada seção, com a tradução equivalente, sem indicação de categorias gramaticais e nem orações ilustrativas.

As edições anteriores resultaram no *Dicionário Kaingang-Português Português-Kaingang* que foi publicado pela Editora Evangélica Esperança em 2002, a mudança está nas designações gramaticais de cada entrada, exemplos de uso e na quantidade de verbetes, aproximadamente 4 mil. Já 2ª edição em 2011, está de acordo com o Novo Acordo Ortográfico da língua portuguesa, sem outras alterações.

Dentre as descrições dadas pela pesquisadora, a língua foi dividida em cinco dialetos:

O dialeto São Paulo, falado ao norte do rio Paranapanema, no Estado de São Paulo; o dialeto Paraná, falado na área compreendida entre os rios Paranapanema e Iguaçu; o dialeto Central, falado na área entre os rios Iguaçu e Uruguai; o dialeto Sudoeste, falado ao sul do rio Uruguai e ao oeste do rio Passo Fundo; o dialeto Sudeste, falado ao sul do rio Uruguai e ao leste do rio Passo Fundo (WIESEMANN, 2011, p. 8).

Para D'Angelis, essa classificação não é muito segura, visto que

[...] no Paraná, a população Kaingáng não é tão homogênea quanto pareceria; em Santa Catarina, Xapecó sempre foi ponto de passagem e contato intergrupos, do Paraná com Rio Grande do Sul, pelo menos desde meados do século XIX; no Rio Grande do Sul, Nonoai tem mais afinidade histórica e política (e maior proximidade geográfica) com Votouro do que com Guarita e Inhacorá; e Cacique Doble, Ligeiro e Carreteiro têm muitas relações históricas comuns, que os distinguem de Votouro, com eles agrupados no "Dialeto Sudeste" (D'ANGELIS, 2009, p. 128).

⁴ A tradução do Antigo Testamento está em fase de finalização. Uma versão experimental com tiragem de mil exemplares foi lançada no dia 15 de outubro de 2012, "na Sede Nacional da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), em Barueri (SP) [...] 35 anos depois de conhecer o Novo Testamento em seu idioma" (ABNB, 2013, p. 18).

A questão da divisão dialetal é assunto que precisa ser mais aprofundado, preferencialmente com pesquisa geolinguística, com mapas que descrevam a língua nos vários aspectos que essa área de pesquisa abrange, a saber, durante a pesquisa, nas análises do estado da arte, percebe-se que há diferenças consideráveis no uso dos *indicadores de sujeito* dependendo da região em que os dados do trabalho foram coletados.

Apesar das diferenças dialetais, Wiesemann sistematizou o alfabeto Kaingang, que é composto por 14 vogais e 14 consoantes, como demonstrado nos quadros a seguir, com seus respectivos fonemas:

Quadro 1: Vogais orais

Fonemas	/i/	/e/	/ɛ/	/a/	/ə/	/ɔ/	/o/	/u/	/i/
Grafemas	i	e	é	a	á	ó	o	u	y

Fonte: Baseado em Almeida (2008, p. 37).

Quadro 2: Vogais nasais

Fonemas	/ĩ/	/ẽ/	/ã/	/õ/	/ü/
Grafemas	ĩ	ẽ	ỹ	ã	ũ

Fonte: Baseado em Almeida (2008, p. 37).

Quadro 3: Consoantes oclusivas

Fonemas	/p/	/m/	/t/	/n/	/ŋ/	/k/	/ŋ/	/ʔ/
Grafemas	p	m	t	n	nh	k	g	'
Alofones		[m] [^m b] [b ^m] [b ^m b] [p]		[n] [ⁿ d] [d ⁿ] [d ⁿ d] [t]	[ŋ] [ⁿ di] [id ⁿ] [id ⁿ di] [it] [itj] [ijn]		[ŋ] [ⁿ g] [g ⁿ] [g ⁿ g] [k]	

Fonte: Baseado em Almeida (2008, p. 38).

Quadro 4: Consoantes contínuas

Fonemas	/f/	/w/	/r/	/ʃ/	/j/	/h/
Grafemas	f	v	r	s	j	h

Fonte: Baseado em Almeida (2008, p. 38) e Kindell ([1961] 2008, p. 2).

O quadro 3 apresenta os fonemas das consoantes oclusivas representados por grafemas. Para quatro destes, a saber, <m>, <n>, <nh> e <g>, apresenta também os alofones, conforme segue, adaptado de Tabosa (2014, p. 103):

- <m> representa o fonema /m/, que apresenta o alofone [m] junto de vogal nasalizada, os alofones [ᵐb], [bᵐ] e [bᵐb] quando “seguidos de vogal oral e [p] quando seguido por consoante surda”; por exemplo: *mĩg, tam, mág, kome e kam ke*, respectivamente.
- <n> representa o fonema /n/, que apresenta o alofone [n] junto de vogal nasalizada, os alofones [ᵐd], [dᵐ] e [dᵐd] quando acompanhados de vogal oral e [t] quando “seguido por consoante surda”; por exemplo: *nĩjẽ, na, ján, kanér e hun ke*, respectivamente.
- <nh> representa o fonema /ɲ/, que apresenta o alofone [ɲ] junto de vogal nasalizada, os alofones [ᵐdi], [idᵐ] e [idᵐdi] quando acompanhados de vogal oral, [it] seguido de consoante surda que não seja <f>, [itʃ] seguido de <f> e [iɲ] entre vogal nasalizada e <f>; por exemplo: *nhỹ, nhinsu, inh, kanhin e tãnh fej*⁵.
- <g> representa o fonema /ŋ/, que apresenta o alofone [ŋ] junto de vogal nasalizada, os alofones [ᵐg], [gᵐ] e [gᵐg] quando acompanhados de vogal oral e “[k] quando seguido por consoante surda”; por exemplo: *gĩr, ga, még, kaga e kygpe*, respectivamente.

Os padrões silábicos da língua kaingang são: V, VC, CV, CCV, CVC, CCVC (TABOSA, 2014), exemplificados da seguinte maneira.

V: ã (você)

VC: ãg (nós)

CV: ta (chuva)

CCV: kre (coxa)

CVC: gãr (milho)

CCVC: mrér (molhado)

⁵ Essa mudança fonológica não ocorre no dialeto falado no Apucaraniinha.

Com base em Abreu (2009), a ordem oracional dominante do Kaingang é SOV⁶, quando há sujeito nominal. Greenberg (1962) determina que o critério para definir a ordem dominante é baseado na existência de preposições ou posposições e na posição do sujeito, do verbo e do objeto em orações declarativas com sujeitos e objetos nominais. Segundo o autor, as línguas podem ter várias ordens variantes, mas apenas uma dominante. Dessa forma, o Kaingang, uma língua SOV, segue o Universal 4 proposto por Greenberg (1962), que determina que línguas SOV são posposicionais.

S O V

1. Gĩr vỹ gãr tu
menino MS milho carregar
“O menino carregou milho.”
2. João vỹ ka mranh⁷
João MS pau quebrar
“João quebrou o pau”
3. Maria fi vỹ banana kó
Maria F MS banana comer
“Maria comeu a banana”
4. Hinh vỹ gĩr prã
tatu MS menino morder
“O tatu mordeu o menino”
5. Roprág vỹ bolo kó
formiga MS bolo comer
“A formiga comeu o bolo”

(ALMEIDA, 2008, p. 35).

O objeto direto sempre antecede o verbo; dessa forma, quando temos uma oração intransitiva a ordem é SV.

⁶ Seguindo a terminologia S (sujeito) O (objeto) e V (verbo), conforme Abreu (2009).

⁷ Os exemplos que não apresentarem referência foram elicitados para este trabalho.

S V

6. Ka vỹ mráj
pau MS quebrar
“O pau quebrou.”
7. Pedro vỹ jun
Pedro MS chegar
“Pedro chegou.”
8. Hinh vỹ ter
tatu MS morrer
“O tatu morreu.”
9. Maria fi vỹ fỹ
Maria F MS chorar
“A Maria chorou.”
10. Gĩr vỹ kanhir
criança MS brincar
“A criança brincou”

A ordem dominante é determinada com sintagmas nominais plenos, quando a oração apresenta sujeito pronominal, por exemplo, a ordem da oração pode modificar. Na língua Kaingang a ordem SOV modifica para OVS:

O V S

11. Gãr ko ĩg tĩ
milho comer 1PL ASP
“Nós sempre comemos milho”
12. Vimke kémã inh jẽ
Pescar [gostar] muito 1SG hab. (sempre)
“Eu gosto de pescar.”
13. Pirã ko fi
peixe comer 3FSG
“Ela comeu o peixe.”

14. Mĩg kãgmĩ ãg
 onça caçar 3MPL
 “Eles caçaram a onça.”

Quando o sujeito é pronominal, mas o verbo intransitivo, a ordem fica VS.

V S

15. Ter ti
 Morrer 3MSG
 “Ele morreu.”

16. Fỹ fi
 Chorar 3FSG
 “ela chorou”

17. Junjun ãg
 Chegamos 1PL
 “Nós chegamos”

Em orações de ordem OVS com sujeito pronominal, o sujeito não recebe marca morfológica. Porém, se mantida a ordem dominante, o marcador pode ser aglutinado ao pronome de primeira pessoa *isỹ* = *inh* + *tỹ*; *isóg* = *inh* + *tóg* (TABOSA, 2014).

18. Isỹ tĩg ke nẽ ha
 1SG.MS ir FUT ASP feito
 “Eu já vou agora”

19. Isỹ goj mãn há tĩ
 1SG.MS água pegar querer ASP
 “Estou querendo pegar água.”

(ALMEIDA, 2008, p. 43).

20. Apucaraninha ki escola tá isóg ag kanhrãn tĩ
 Apucaraninha LOC escola LOC 1SG.MS 3PL.MS ensinar ASP
 “Ensino na escola do Apucaraninha.”

(ALMEIDA, 2008, p. 43).

21. Isỹ kókĩr ti tĩ
 1SG.MS fome 3MSG ASP
 “Eu estou com fome.”

22. Isỹ kron há ti tĩ
 1SG.MS beber querer 3MSG ASP
 “Eu quero beber.”

Segundo Wiesemann (2011), a palatal nasal [ɲ] precedendo os sons [j], [s] [t] provoca mudanças em que a palatal nasal se perde: no caso da junção com o fone [t] este muda para [ʃ]; dessa forma *inh + tỹ* e *inh + tóg*, transformam-se em *isỹ* e *isóg* respectivamente.

Conforme Abreu (2009), em oração com sujeito pronominal que apresenta objeto indireto, a ordem passa a ser OI S OD V.

OI S OD V

23. Inh mỹ ti manỹnỹ vã
 1SG para 3MSG banana carregou
 “Ele carregou banana para mim.”

(ABREU, 2009, p. 36).

24. Ti mỹ fi hinh nénh
 3MSG para 3FSG tatu cozinhar
 “Ela cozinhou o tatu para ele”

25. Fi mỹ ti kafej krãn
 3FSG para 3MSG flor plantar
 “Ele plantou a flor para ela.”

26. Ti mỹ inh kre ma tig
 3MSG para 1SG cesto carregar ir
 “Eu carreguei o cesto para ele.”

27. Ęg mỹ ti kre ma tĩg
 1PL para 3MSG cesto carregar ir
 “Ele carregou o cesto para nós.”

Segundo nossos colaboradores, as orações também poderiam ter a estrutura OD V S OI, como nos exemplos 28-32. Na ortografia, o OI é separado por vírgula, na oralidade é possível perceber uma pequena pausa.

OD V S OI

28. Manỹnỹ vã ti, inh mỹ
banana carregou 3MSG 1SG para
“Para mim, ele carregou a banana”

29. Hinh nénh fi, ti mỹ
tatu cozinhar 3FSG 3MSG para
“Para ele, ela cozinhou tatu”

30. Kafej krãn ti, fi mỹ
flor plantar 3MSG 3FSG para
“Para ela, ele plantou a flor”

31. Kre ma tig inh, ti mỹ
cesto levar ir 1SG 3MSG para
“Para ele, eu carreguei o cesto”

32. Kre ma ti tĩg, ěg mỹ
cesto levar 3MSG ir 1PL para
“Para nós, ele carregou o cesto”

Se a oração apresenta um advérbio, o pronome se posiciona ao lado deste, podendo manter a ordem padrão SOV ou OVS. “O advérbio parece atrair o pronome para junto de si, por isso a sentença pode ter a estrutura padrão SOV, quando se posiciona o advérbio no início da sentença” (ABREU, 2009, p. 37). Porém, a autora exemplifica apenas advérbio de tempo, não sendo analisado se o mesmo ocorre com outros tipos de advérbio.

O V S ADV

33. Mĩg ten inh, rãke tá
onça matar 1SG ontem
“Eu matei a onça ontem.”

(ABREU, 2009, p. 37).

34. Hinh grãg inh, rãké tá.
tatu assar 1SG ontem
“Eu assei tatu ontem”

35. Goj ra inh vyr ũri
Rio para 1SG ir hoje
“Fui para o rio hoje”

As três orações anteriores (33-35) mantêm a ordem OVS, quando o sujeito é pronominal, com a presença do advérbio no final da oração. Porém, a ordem é alterada quando o advérbio se localiza no início da oração, como se vê nas orações 36-38.

ADV S O V

36. Rãké tá, inh mĩg ten
ontem 1SG onça matar
“Ontem eu matei a onça”

(ABREU, 2009, p. 37).

37. Rãké tá, inh hinh grãg.
ontem 1SG tatu assar
“Ontem eu assei tatu”

38. ũri inh goj ra vyr
Hoje 1SG rio para ir
“Hoje eu fui ao rio”

É possível notar que, quando a oração é iniciada com advérbio, o sujeito pronominal, cuja posição padrão é à direita do verbo, como já dito, é deslocado para a esquerda do objeto (que, por sua vez, está à esquerda do verbo).

Em nossos dados, com outros tipos de advérbio, de lugar e de modo, por exemplo, a aproximação do pronome com o advérbio também ocorreu:

O V S ADV

39. Mĩg tén inh komēr hã.
onça matar 1SG lentamente
“Eu matei a onça, lentamente.”

40. Hinh grãg inh **tagki**.

tatu assar 1SG aqui

“Eu assei o tatu aqui.”

ADV S O V41. **Komēr hã** inh mĩg tén.

lentamente 1SG onça matar

“Lentamente, eu matei a onça.”

42. **Tagki** inh hinh grãg.

aqui 1SG tatu assar

“Aqui, eu assei o tatu.”

O fenômeno descrito por Abreu (2009), sobre a atração do pronome para junto ao advérbio, deve ser mais aprofundado em trabalhos futuros com outros tipos de advérbios, de verbos, de sujeitos e de tipo de oração (negativa e afirmativa), para compreender a motivação dessa aproximação sintática e se isso ocorre em outros contextos.

Os pronomes pessoais e possessivos no Kaingang são os mesmos, porém, possuem posições diferentes nas orações. Segundo Abreu (2009), os pronomes possessivos funcionam como adjetivos dos pronomes pessoais, tendo caráter determinador, definidor e individualizador.

Quadro 5: Pronomes pessoais e possessivos

Singular	1 ^a	inh	eu, meu(s), minha(s)
	2 ^a	ã	tu, você, teu(s), seu(s)
	3 ^a	ti	ele, seu, dele
fi		ela, sua, dela	
Plural	1 ^a	ẽg	nós, nosso(s), nossa(s)
	2 ^a	ãjag	vocês, de vocês
	3 ^a	ag	eles, deles
		fag	elas, delas, o casal, do casal

Fonte: Elaborado com base em Abreu (2009).

Segundo Gonçalves (2011), *fi* também pode ser usado como Classificador feminino, utilizado para seres animados e sexuados.

Brevemente, apresento algumas considerações sobre as categorias de tempo, modo e aspecto na língua Kaingang, a partir de Almeida (2008).

Segundo a autora, no Kaingang há um tempo marcado e outro não marcado, futuro e não futuro, respectivamente. O futuro expressa o modo *irrealis* e o não futuro, *realis*. Dessa forma, a autora não estabelece a categoria de tempo na língua, visto que o modo é determinante no contraste de futuro e não futuro.

Assim, a língua marca o modo *realis* que expressa algo que aconteceu, acontece normalmente ou está acontecendo, o *irrealis* algo que ainda não aconteceu e o modo imperativo, que, ao nosso ver, se trata de uma ação que (ainda) não aconteceu no momento da fala. O modo *realis* pode ser marcado *mũ*, *tĩ*, *nĩ* ou \emptyset , ou pode flexionar o verbo em *-g* ou \emptyset . O *irrealis* pode ser marcado com *ke*, *mũ*, *tũ nĩ* ou ocorrer flexão verbal com *nh* ou *-gl-j*. O imperativo, por sua vez, pode ser marcado por *rỹ* ou *ra*, segundo os dados da autora. Nas orações a seguir, como exemplo 43, o modo *realis* é expresso pelo marcador *mũ*, em 44 o modo *irrealis* é expresso pela flexão do verbo *kó – konh* e os marcadores *ke* e *mũ*.

43. Gĩr vỹ fág kó mũ
menino MS pinhão comer ASP

“O menino está comendo pinhão”

(ALMEIDA, 2008, p. 87).

44. Gĩr vỹ fág konh ke mũ
menino MS pinhão comer FUT ASP

“O menino comerá pinhão”

(ALMEIDA, 2008, p. 87).

45. Maria fi vỹ ěmĩ han jé
Maria F MS bolo fazer ASP

“Maria está fazendo bolo.”

46. Maria fi vỹ ěmĩ han ke mũ
Maria F MS bolo fazer FUT ASP

“Maria vai fazer bolo.”

47. Nũgnũr rỹ!

Dormir IMP

“Durmam!”

48. Ā kakã kyku rỹ!
 2SG.POSS rosto limpar IMP
 “Limpe seu rosto!”

Em 45, *jé* marca um evento *irrealis*. Em 47 e 48, o imperativo é marcado por *rỹ*; a autora classifica *rỹ* como modo imperativo, diferentemente de Wiesemann (2011), que classifica como *indicador de aspecto*. Quanto ao aspecto, a autora pontua que o Kaingang expressa o perfectivo (não marcado na língua) e o imperfectivo (mais frequentemente marcado por *mũ*, *tĩ* e *nĩ*); “A primeira denota uma espécie de contínuo, a segunda expressa evento habitual e a terceira, evento com caráter estativo. É dentro da subcategoria *realis* que visualizamos as principais distinções aspectuais” (ALMEIDA, 2008, p. 133).

A autora sistematiza as categorias de tempo, modo e aspecto no seguinte quadro:

Quadro 6: Sistematização de modo e aspecto do Kaingang

MODO	<i>Realis</i>			<i>Irrealis</i>	Imperativo		
					pedido	ordem	
ASPECTO	Perfectivo	Imperfectivo					
		continuativo/ incoativo	habitual	estativo			
MARCADORES	∅	mũ	tĩ	nĩ	ke (mũ) nĩ (tũ nĩ)	∅	ra, rỹ

Fonte: Almeida (2008, p. 112).

Em vez de preposições, como na língua portuguesa, o Kaingang utiliza-se de posposições. Wiesemann (2011) classifica algumas posposições como *indicadores de circunstância*, assim como os advérbios.

49. Manu inh mré tónh jé kãtĩg
 Manu 1SG com contar ASP vir
 “Manu venha contar para mim.”

50. Gĩr fi vỹ ga kri kanhir nĩ.
 criança 3FSG MS terra em cima brincando ASP
 “A menina está brincando sentada na terra.”

As orações 49 e 50 contemplam parte de uma lista de circunstanciais que expressam locatividade, que ocupam o lugar à esquerda do verbo.

Wiesemann (2011) descreve brevemente também os *indicadores de sujeito*, a categoria pesquisada neste trabalho que será aprofundada no capítulo seguinte.

Quanto ao gênero, e retomando o que foi apresentado anteriormente sobre a organização social do povo Kaingang e as metades exogâmicas, D'Angelis (2002), define que o Kaingang possui os gêneros feminino x não feminino, além de empregar um sistema de classificação nominal que determina a categoria de forma:

- as alternâncias vocálicas atribuidoras de significação de forma em nomes com [ê] e [õ] constituem uma parte desse sistema classificador.
- classificadores que se prefixam a verbos, selecionados por concordância conceitual com argumentos do verbo, constituem outra parte do sistema classificador “alto/comprido x baixo/redondo”.
- o Kaingang surpreende com o emprego de um recurso fonológico para a expressão das classes “alto/comprido x baixo/redondo” em nomes e verbos” (D'ANGELIS, 2001, p. 15).

Logo, a forma como os Kaingang dividem os objetos e seres vivos em duas metades é refletido na língua, fonológica, lexical e sintaticamente. Os exemplos a seguir estão no âmbito fonológico:

[têɲ] = matar (animal ralo, difuso, esparramado)

[tõɲ] = matar (animal redondo, compacto, grosso)

[kê'jir] = pequeno, miúdo (em: “estrelas pequenas”)

[kõ'jir] = pequeno, miúdo (em: “balaio pequeno”)

(D'ANGELIS, 2001, p. 10).

D'Angelis (2001) em seu trabalho não buscou ser conclusivo sobre o tema, mas deixou, através de suas investigações, um caminho para novas pesquisas.

Este capítulo dedicou-se em apresentar um breve panorama linguístico da língua Kaingang, a fim de contribuir para a compreensão e leitura dos próximos capítulos. A seguir, discorro sobre as principais pesquisas que tratam de alguns morfemas indicadores de sujeito.

3 ESTADO DA ARTE

Não há trabalhos que tratam especificamente dos morfemas em questão. Neste capítulo, apresento alguns que foram essenciais para esta pesquisa, bem como contribuíram imensamente para os estudos da língua Kaingang. Padronizei as glosas para melhor compreensão, porém uso os termos linguísticos utilizados pelos próprios autores para não descaracterizar as nuances teóricas de cada pesquisa.

Quadro 7: Estado da arte indicadores de sujeito

Nome	Autor	Data
A estrutura fonológica e gramatical da língua Kaingang	Úrsula Wieseemann	1972
The pronoun systems of some Je and Macro-Je languages	Ursula Wieseemann	1986
Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingang	Silvia Helena do Nascimento	1995
Ergatividade: uma síntese tipológico-funcional	Marco Antônio Bomfoco	2007
Estudo da Gramática a Partir da Análise do Discurso	Ursula Wieseemann	2007
Ergatividade em Kaingáng: um estudo descritivo funcional	Marco Antônio Bomfoco	2004
Dicionário Kaingang-Português Português-Kaingang	Úrsula Wieseemann	2011
Orações complexas da língua kaingang	Luciana Pereira Tabosa	2014
Evidencialidade em Kaingang: descrição, processamento e aquisição	Márcia Nascimento	2017

Sigo a ordem cronológica para comentar os trabalhos listados no Quadro 7, entretanto agrupo os diferentes trabalhos dos mesmos autores para melhor visualização. Assim, é possível perceber as formas como os morfemas foram analisados no decorrer dos anos.

O trabalho de Wieseemann, denominado *Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache*⁸, descreve, com base na teoria tagmêmica, aspectos fonológicos e gramaticais da língua Kaingang.

A autora trata os morfemas como uma classe de *indicadores de sujeito* dividindo-os em subclasses:

⁸ “A estrutura fonológica e gramatical da língua Kaingang”.

Subclasse 1

Jé: o sujeito toma a decisão e agir ou é convidado/solicitado.

Né: o sujeito é destacado quase sempre de contrapartida se contrastadas as ações de dois sujeitos.

Subclasse 2

Mỹ: ação do sujeito é questionada (só vem no sujeito antes da circunstância de sujeito).

Vě: o sujeito é destaque (em contrapartida a *né*)

Subclasse 3

Né: o sujeito é autor do ato.

Nỹ: o sujeito é destinado ou é solicitado a agir (às vezes como contrapartida a *vỹ*).

Vỹ: o sujeito é destaque (às vezes como contrapartida a *nỹ*)

Subclasse 4

Tóg: o sujeito é executor. Também manifesta o tagmema de sujeito, mas significando “ti *tóg*”, que quase nunca acontece.

(WIESEMANN, 1972, p. 102-104).

Volto a atenção para a classificação do marcador *tóg*, que serviu de hipótese para este trabalho. A autora classifica como “o sujeito é executor” (*Subjekt ist Handelnder*) e “tagmema de sujeito”, o que mais tarde, na 2ª edição do dicionário, como veremos adiante, a autora define como “o sujeito é agente”; dessa forma, o SN sujeito que receber esse marcador terá o papel semântico de agente, mas nem todo argumento externo é agente e veremos que os SN sujeitos marcados com *tóg* nem sempre possuem esse papel semântico. Além disso, a autora apresenta a propriedade pronominal do indicador *tóg*, que pode ser usado em situação anafórica no lugar do pronome pessoal masculino da 3ª pessoa.

Nos trabalhos seguintes da autora há pequenas diferenças nas definições, mas que contribuem de forma expressiva para este trabalho, pois podemos perceber de que forma essas definições foram construídas no decorrer das publicações.

Em *The pronoun systems of some Je and Macro-Je languages*, Wiesemann (1986) descreve e compara os sistemas pronominais de várias línguas Jê, dentre elas o Kaingang. A autora ressalta que a língua Kaingang tem posposições⁹ adicionais que marcam os pronomes, são eles: *tóg* (sujeito é agente), *vỹ* e *nỹ* (sujeito é tópico) e *jé* (sujeito pretende fazer a ação), mencionando a lista presente no dicionário e que veremos adiante.

⁹ Wiesemann (2011) explica que são chamadas posposições por seguirem os substantivos, os pronomes ou frases substantivas.

Em seu trabalho intitulado *Estudo da Gramática a partir da análise do discurso*, no tópico *Distinções de caso*, a autora apresenta o seguinte quadro:

Quadro 8: Pronomes seguidos de partículas em Kaingang

	tóg	vỹ	jé
1sg	sóg	inh vỹ	ijé
1pl	ẽg tóg	ẽg vỹ	ẽg jé
2sg	ã tóg	ã vỹ	ã jé
2pl	ãjag tóg	ãjag vỹ	ãjag jé
3m-sg	tóg	ti vỹ	ti jé
3m-pl	ag tóg	ag vỹ	ag jé
3f-sg	fi tóg	fi vỹ	fi jé
3f-pl	fag tóg	fag vỹ	fag jé

Fonte: Wiesemann (2007, p. 83).

Segundo a autora, algumas formas são amalgamadas (*sóg*, *ijé*), ressaltando que, às vezes, é difícil explicar a diferença de sentido entre as partículas. Notamos que, na TI Apucarantina, há ocorrência de *isóg*, formado pela 1ª pessoa do singular + o morfema *tóg*.

Quanto à ergatividade no Kaingang, a autora apresenta o seguinte:

Kaingang (Jê) (as abreviações são: N – nominativo, A absoluto, E ergativo)

(133) *nominativo intransitivo*: João vỹ tĩ mũ

'João N ir mũ –

João vai'

(134) *ergativo intransitivo*: João # tĩ vẽ.

'João A ir é –

João vai'

(135) *nominativo transitivo*: João vỹ fi venh tĩ mũ

'João N ela ver ir mũ –

João vai vê-la.'

(136) *ergativo transitivo*: João tỹ fi venh tĩ vẽ.

'João E ela ver ir é –

João vai vê-la.'

(WIESEMANN, 2007, p. 87, grifos da autora).

Segundo a autora, “as construções nominativas são usadas em textos narrativos, as ergativas em explicações ou exposições. Todos os imperativos são nominativos” (WIESEMANN, 2007, p. 87). Concordamos com Tabosa (2014) quando diz que Wiesemann se equivoca com o uso do termo *construções ergativas intransitivas* querendo dizer *ergativo-absolutivo*, visto que as

construções ergativas ocorrem em orações transitivas. Além disso, para Wiesemann, o que determina, na língua Kaingang, se a marcação é ergativa ou nominativa é se a sentença é narrativa ou expositiva, devido à marcação aspectual. Contudo, Tabosa (2013) afirma não ter encontrado evidências para a hipótese das sentenças nominativas.

No mesmo trabalho, Wiesemann discorre de forma mais específica sobre os casos, ressaltando que

O sistema Jê tem dois tipos de orações coexistentes: um do sistema nominativo e outro do sistema ergativo. Todos os verbos e todas as pessoas de sujeito podem ocorrer em estruturas nominativas. Nestes o sujeito é marcado com qualquer indicador de sujeito e pode ocorrer no início da frase ou depois de uma ou duas circunstâncias, mas normalmente precedendo o verbo. O objeto ocorre diretamente precedendo o verbo e não pode ser desligado dele por nenhuma circunstância. Nas construções ergativas intransitivas o agente (que seria o sujeito) ocorre diretamente precedendo o verbo, o lugar ocupado pelo objeto nas orações transitivas. Ele não é indicado por nenhum indicador especial (WIESEMANN, 2007, p. 86).

O *Dicionário Kaingang-Português Português-Kaingang*, da mesma autora, foi editado em 1972. Porém, usarei a 2ª e última edição (2011), que conta com um apêndice que descreve alguns fenômenos gramaticais, incluindo os denominados *indicadores de sujeito*. Segundo a autora, os *indicadores de sujeito* “seguem o substantivo, pronomes ou frases substantivadas em função do sujeito. São posposições” (WIESEMANN, 2011, p. 159), assim cada marcador possui uma função específica, como se observa a seguir no quadro que foi referido nos parágrafos anteriores:

jé	sujeito antecipa a ação, ação desejada pelo falante
mỹ	sujeito na pergunta que pede resposta ‘sim’ ou ‘não’
ne	sujeito é originador da ação
né	agente tem sentimento (somente na terceira pessoa)
nỹ	sujeito é tópico e contrastado com vỹ, mudança de sujeito
pijé	sujeito não faz a ação
tóg	sujeito é agente
tỹ	agente é ergativo; indicador de tópico
vé	este sujeito faz coisas ruins
vỹ	sujeito é tópico

(WIESEMANN, 2011, p. 160).

A autora destaca dois indicadores, *tóg* e *tỹ*: o primeiro pode também exercer a função de terceira pessoa, como mostrado no seu trabalho de 1972, e

pode ser utilizado com outros marcadores; o segundo é utilizado para indicar ergatividade e como “constituente topicalizada” (WIESEMANN, 2011, p. 160). Nascimento (2017) discorda, dizendo que o indicador *tóg* não ocorre junto a outros marcadores, apenas em situações em que o morfema possui outro sentido que não seja de indicador de sujeito.

Além dos *indicadores de sujeito*, a autora traz alguns pontos que merecem ressalvas: no tópico *Os tipos de oração*, Wiesemann (2011) traz, além de outros, os subtópicos *As orações nominativas* e *As orações ergativas*. No primeiro subtópico, a autora diz que as orações nominativas são usadas para narração ou descrição, podem ser constituídas por conjunção, sujeito (nominativo), circunstância¹⁰, objeto (acusativo), verbo, modo, aspecto perfectivo e opinião. Ainda segundo a autora,

As orações ergativas, ao contrário das nominativas, não contêm sujeito e raramente uma conjunção. O ergativo, forma para o agente das ações **transitivas e semitransitivas** ou em certos casos das intransitivas, abre a oração. Todavia ele é facultativo (ao contrário do sujeito nas orações nominativas que é obrigatório). Nas frases com predicados intransitivos ou substantivais o ergativo normalmente não é presente (WIESEMANN, 2011, p. 166, grifo da autora).

A autora completa que as orações ergativas são constituídas de circunstância, objeto, predicado, modo, aspecto imperfectivo e opinião. Como não é o foco do dicionário, não há muitas explicações sobre os indicadores de sujeito e as orações nominativas e ergativas, o que suscita muitas dúvidas e questionamentos. O dicionário possui controvérsias, o que dificulta o trabalho dos pesquisadores. Segundo Jolkesky (2006, p. 32), o dicionário não possui rigor científico, estando mais para “uma tragédia ou comédia lexicográfica” e sendo pouco aproveitado em sala de aula, segundo os próprios Kaingang. Porém, precisamos levar em consideração que o dicionário produzido por Wiesemann desempenha um papel fundamental para as pesquisas sobre a língua Kaingang, além de ser um dos principais materiais pedagógicos utilizados nas escolas.

¹⁰ “Os indicadores de circunstância, preposição em Português, sempre seguem o substantivo ou a frase que eles modificam. Por isso são chamados de posposições. Muitas delas podem ser combinadas com verbos para criar verbetes novos. Neste caso eles precedem o verbo” (WIESEMANN, 2011, p. 158).

Vejam agora a dissertação *Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingang*, de Silvia Helena Lovato do Nascimento, cuja base de dados é do noroeste do Rio Grande do Sul, das TIs Nonoai e Guarita. Descartando as explicações semânticas a respeito da marcação de caso, a autora trabalhou com as partículas *tỹ*, *tá* e *tóg*.

A autora utilizou a teoria de Dixon (1994) para caracterizar os padrões de marcação de caso e considerou o Kaingang uma língua que possui ergatividade cindida (*split*). Explicou a atribuição de caso pela perspectiva da Gramática Gerativa, classificando a língua como núcleo final, ou seja, os complementos precedem os núcleos.

Um sistema de ergatividade cindida permite que, em algumas situações determinadas pela semântica, o alinhamento seja nominativo/acusativo. Já a Gramática Gerativa, no que tange à marcação de caso, busca estabelecer as condições de licenciamento de um *determiner phrase* (DP), “a teoria do caso regula a atribuição de caso. Estabelece os casos, os atribuidores e os receptores” (NASCIMENTO, 1995, p. 51). As condições de licenciamento de um DP são relacionadas à Teoria de Caso e à Teoria Temática, que, de forma autônoma, caracterizam seu funcionamento na sintaxe.

Nascimento (1995) discorda de algumas propostas de Wiesemann. Segundo a autora, a partícula *tóg* não é necessariamente atribuidor de papel temático (agente) e não pode ser considerada uma posposição; sua função na frase é determinada pelo verbo. Dessa forma, a partícula *tóg* tem a função de marcar o caso ergativo, assim como a partícula *tỹ*, e o verbo marca o caso absoluto, como podemos ver nos seguintes exemplos.

51. Kaingang tóg canoa ta put ke

Kaingang ERG canoa afundar

“O kaingang afundou a canoa”

52. Kanhgág tóg canoa ta put put ke

Kaingang ERG canoa PL afundou PL

“O Kaingang afundou as canoas”

(NASCIMENTO, 1995, p. 69).

Em 51 e 52, DP Kaingang, que na tradução da autora seria *o kaingang* ou *o índio*, se comporta como argumento externo dos verbos transitivos, como nas

línguas nominativas, mas duas propriedades a aproximam das línguas ergativas: o DP marcado corresponde ao argumento externo do verbo transitivo e há concordância entre o verbo e o argumento interno, mas não entre o verbo e o argumento externo. No exemplo 52, no plural ocorre a duplicação do verbo, *ta put ke* (singular) torna-se *ta put put ke* (plural); logo, o verbo concorda com o objeto, resultando no caso ergativo-absolutivo, já que *tóg* marca S e A. Em nota, a autora sugere que o Kaingang esteja mudando para um padrão nominativo-acusativo.

Bomfoco (2007) compactua com as ideias de que o Kaingang exibe uma concordância verbal ergativa. Nas orações intransitivas, os verbos indicam se o sujeito é plural ou singular, e nas transitivas os verbos indicam se o objeto é plural ou singular, como demonstrado nos exemplos:

53. Pipỹm vỹ tẽ tĩ
 Pavão NOM voar SG ASP
 “O pavão voa”

54. Krĩnrĩr ag tóg tẽgtẽ
 Araguaí 3MPL ERG voar PL
 “Os Araguaís voaram” (BOMFOCO, 2007, p. 110).

Em 53, o sujeito no singular concorda com o verbo intransitivo, que também está no singular; em 54, o sujeito plural concorda com o verbo intransitivo, também plural. Nas orações transitivas, o objeto determina a concordância do verbo, não o sujeito.

55. Rẽrĩr vỹ gār kãngãg tĩ
 Sol NOM milho seca ASP
 “O sol seca o milho”

56. Fag tóg ti ko mũ
 elas NOM ele comer SG ASP
 “Elas comem ele”

(BOMFOCO, 2007, p. 111).

Em 55, o verbo *kãngãg* (cujo plural é *kãngãgãg*) concorda com o objeto *gār* em número, assim como em 56 o verbo *ko* (cujo plural é *kuko*) concorda com objeto *ti*. Logo, segundo o autor, na Língua Kaingang do Paraná os verbos

concordam em número com o sujeito intransitivo e o objeto, mas não concordam com o sujeito transitivo, “o que indica que a língua determina concordância verbal, ao menos na fala cuidadosa, numa base ergativo-absolutiva” (BOMFOCO, 2007, p. 111). Destaca, ainda, que nas orações transitivas o objeto, por não ser marcado na língua, tem uma relação mais próxima com o verbo, que se expressa pela concordância.

Bomfoco (2004), apoiando-se em Dixon (1994), conclui que a ergatividade no Kaingang se manifesta pela marcação dos NPs sujeitos e na concordância verbal de número, sendo o *tóg* marcador de ergatividade e *vỹ* de nominativo, os casos absolutivos e acusativos recebem marcação zero. O autor esquematiza no quadro a seguir:

Quadro 9: Marcação casual em Kaingang

Ordem	Tipo de NP	Sistema de caso	Marcação morfológica
S(O)V	NP lexical pleno	O acusativo/absolutivo	Marca nominal \emptyset ; controla a concordância verbal
		Si nominativo (excepcionalmente ergativo)	Marca nominal nominativa <i>vỹ</i> ; controla a concordância verbal
		St nominativo/ergativo	Marca nominal nominativa <i>vỹ</i> , não concorda com o verbo/marca nominal ergativa <i>tóg</i> , não concorda com o verbo
	NP pronominal	O absolutivo	Marca nominal \emptyset ; controla a concordância verbal
		Si absolutivo	Marca nominal \emptyset ; concorda a concordância verbal
		St ergativo	Marca nominal \emptyset (se NP singular) ou opcionalmente <i>tóg</i> (se NP plural); não controla a concordância verbal
(O) VS	NP pronominal	Idêntico ao da ordem S(O)V para NP pronominal	Idêntica à da ordem S(O)V para NP pronominal
OSV	NP pronominal	Possivelmente, idêntico ao da ordem (O)VS	Possivelmente, idêntica à da ordem (O)VS

Fonte: Bomfoco (2004, p. 141).

Dessa forma, o autor postula que a ergatividade se dá de maneira cindida, misturada com outros padrões de marcação casual. Sendo que somente na ordem SOV o marcador de nominativo *vỹ* é utilizado para NPs lexicais plenos tanto transitivos quanto intransitivos, mas que disputa com o *tóg*, caracterizando um sistema tripartido impuro; nas ordens SOV e OVS com NP pronomine plural é opcionalmente marcado por *tóg*, caracterizando o sistema absolutivo-ergativo, já

que *vỹ* não marca NP pronominal. Observando que, em relação à concordância verbal, é sempre ergativo.

Em contraponto com a ideia da concordância do objeto com o verbo, D'Angelis (2004, p. 72, grifos do autor) defende que “não existe concordância no Kaingang, mas sim a expressão da noção semântica de **ação** múltipla (repetida ou recorrente) *versus* **ação** única”.

a) na língua Kaingáng existe expressão de número em SNs, pelo concurso de partículas pronominais (*ag* e *fag*), partículas indicando *muitos* (*'e*), *todos* (*kar*), *poucos* (*pipir*) e os próprios numerais (*régre*, *tēgtu...*).

b) a língua Kaingáng exprime, nos verbos, *multiplicidade* ou *repetição da ação* por formas lexicais próprias (muitas, construídas por reduplicação).

c) a *multiplicidade* ou *repetição da ação* pode ser expressa em nomes (sem estar relacionada a concordância) e, na oração, também pela duplicação da marca Aspectual.

d) a *expressão da multiplicidade ou repetição da ação* no verbo pode tornar redundante e, portanto, levar a omitir a marca plural tanto no sujeito como no objeto.

e) pode haver co-ocorrência da expressão de pluralidade em um SN-Sujeito ou Objeto plural, com a *expressão de multiplicidade ou repetição da ação* no verbo.

f) na língua Kaingáng não existe concordância de número entre verbo e seus argumentos. (D'ANGELIS, 2004, p. 80, grifos do autor).

Não levando em conta a concordância verbal, mas sim as orações complexas, Tabosa (2014), baseando-se em Dixon (1994) considera que o Kaingang tenha ergatividade cindida, realizada por marcação morfológica, apresentando o caso nominativo nas orações simples, e nas orações complexas exhibe um sistema na oração principal e outro na subordinada. Nos exemplos, a autora apresenta a oração principal e a subordinada em colchetes para melhor compreensão:

57. [Gĩr vỹ prěr]

Menino NOM gritar

“O menino gritou”

58. [Mĩg vỹ gĩr prã]

Onça NOM menino-ABS morder

“A onça mordeu o menino”

(TABOSA, 2014, p. 115, 116).

Ambos os exemplos apresentam o marcador *vỹ* no sujeito, que designa o caso nominativo, e para o objeto marcado \emptyset o caso acusativo. Segundo a autora, o objeto nunca é marcado na língua, assim obtemos o alinhamento $S = A \neq O$. As orações complexas apresentam os dois sistemas; no exemplo a seguir, a oração relativa ocupa a posição de sujeito da oração principal, assim essa oração exibe o sistema nominativo-acusativo, e a subordinada exibe o sistema ergativo-absolutivo ($S = O \neq A$)

59. [[Pỹn tỹ mĩg prãg mũ] vỹ pẽngre tãnh]
 cobra NOM onça-ABS morder ASP NOM galinha matar
 “A cobra que mordeu a onça matou a galinha”

(TABOSA, 2014, p. 116).

Não há marcação de sujeito nas orações em que o sujeito é um “pronome pessoal correferente com algum argumento da oração subordinada ou apresenta o traço [+feminino]” (TABOSA, 2014, p. 199).

60. [Mĩg vỹ sĩ vëvẽ] [hã ra ti tar ti]
 onça nom pequeno asp coord. 3msg forte 3msg
 “A onça é pequena, mas é forte.”

61. [Maria fi gãr kugfã] [kỹ fi ãmĩ han]
 n.próprio F milho descascar COORD 3FSG bolo fazer
 “Maria colheu milho e fez o bolo”

(Lit: “Maria colheu milho e então fez bolo”) (TABOSA, 2014, p. 216, grifo nosso).

Os dados da autora foram coletados com falantes da TI Apucarantina; ela classifica a língua Kaingang como *split* ergativa.

Nascimento (2017) coletou dados na TI Nonoai (Rio Grande do Sul). A tese é intitulada *Evidencialidade em Kaingang, descrição, processamento e aquisição*. A autora defende que os nomeados marcadores de sujeito, na verdade, correspondem a núcleos oracionais, ou seja, “uma categoria funcional que tem papel essencial na construção de orações na língua Kaingang, pois são eles que licenciam as diferentes construções” (NASCIMENTO, 2017, p. 51); além disso, as marcas não são obrigatórias e expressam noções que vão além do fenômeno

marcador de sujeito. Apesar de a autora focar nas partículas *tỹ*, *tóg* e *vỹ*, temos a sistematização a seguir:

tỹ	sentença assertiva
tóg	sentença assertiva
vỹ	sentença assertiva
vé	interjeição
ne	marca de miratividade
né	ne + vé = né
nỹ	“imperativo imediato”
mỹ	interrogativa para respostas sim/não
pi	negativa
jé	“imperativo indireto”

(NASCIMENTO, 2017, p. 57).

Para autora, a forma como essas partículas são distribuídas em orações simples, subordinadas e coordenadas, as suas funções em interrogativas e negativas, e a relação entre as partículas, as marcas de aspectos e a evidencialidade são indícios para estabelecer a definição funcional. A autora explica que *tỹ*, *tóg* e *vỹ* ainda não foram distinguidas, porém levanta a hipótese de que a força ilocucionária é que determina os diferentes usos.

Nossa argumentação se baseia nos seguintes pontos: (a) a distribuição das partículas em orações simples, subordinadas e coordenadas; (b) a função das partículas em construções interrogativas e negativas; (c) a relação entre as partículas assertivas e as marcas de aspecto e evidencialidade (NASCIMENTO, 2017, p. 57).

A autora exemplifica com o verbo *jun*, cujo tempo verbal é expresso pela prosódia, o tempo passado e o tempo futuro são determinados pela entonação, sendo difícil explicar a diferença entre as sentenças:

62. Mỹrinh fi tỹ jun.
 Maria F NUC chegar
 Maria chegou/chegará

63. Mỹrinh fi tóg jun.
 Maria F NUC chegar
 Maria chegou/chegará

(NASCIMENTO, 2017, p. 58).

Para nossa colaboradora, que ressalto, faz parte de um outro dialeto, as orações 62 e 63 são agramaticais; ela optaria pelo morfema *vỹ* seguido ao sujeito

em ambas as orações. A partícula *vỹ*, para a autora, é relacionada à noção de passado e “não é muito produtiva. É mais encontrada em textos informativos, onde se narra algum evento” (NASCIMENTO, 2017, p. 58). Ressaltando que esses morfemas são obrigatórios nas orações simples e coordenadas, e não são nas orações subordinadas.

Como podemos verificar, não há concordância sobre o funcionamento dos morfemas na língua Kaingang. Minha hipótese para esse fato é a diferença dialetal, além da possível transformação diacrônica dos morfemas.

A questão da ergatividade na língua Kaingang também não é consenso, porém está claro que não pode ser definida como uma língua ergativa, no sentido de desempenhar uma ergatividade “pura”. Os autores que tratam desse tema na língua Kaingang, utilizaram a teoria proposta por Dixon (1994).

Segundo Dixon (1994, p. 23), as línguas utilizam de diferentes estratégias para dizer “quem está fazendo o quê a quem”. Em algumas línguas, a marcação gramatical interfere no significado de uma oração a depender do seu uso, definindo, por exemplo, se é uma ação é proposital ou acidental; nesse tipo de língua pode-se dizer que a base da marcação gramatical é semântica. Outro tipo, no qual a língua possui marcação gramatical com base sintática, ocorre quando o verbo possui um significado prototípico em que a marcação gramatical será baseada, por exemplo, não importa se o verbo “bater” foi uma ação proposital ou acidental, ele receberá a mesma marcação conforme a transitividade do verbo, nesse tipo é onde os termos ergativo, nominativo, absolutivo e acusativo são mais apropriados.

Todas as línguas possuem orações intransitivas que possuem argumento central (S), e orações transitivas com dois argumentos centrais (A e O); dessa forma, há sempre maneiras para diferenciar A e O, seja pelo uso de partículas, adposições, ordem da constituinte, ou pela combinação dessas estratégias. A marcação de relações sintáticas A, S e O é normalmente referida como ergatividade morfológica, pois é realizada por inflexões de caso ou afixos, o autor propõe a nomenclatura ergatividade/acusatividade intraclausal, já que as partículas, adposições e ordem das constituintes utilizam de um mecanismo sintático, não morfológico (DIXON, 1994).

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo abordo, primeiramente, a teoria dos Atos de fala, retomando brevemente a perspectiva filosófica e a reinterpretação dos linguistas. Depois, as relações gramaticais, papéis semânticos e pragmáticos, destacando a forma como esses conceitos combinam, gerando um *continuum* entre as diversas partes da linguística. Por fim, trato da gramática de referencialidade, visando à gramaticalização da topicalidade e o uso dos pronomes.

4.1 Atos de Fala

O conceito de Atos de fala advém da filosofia da linguagem e tem como principais autores Austin (1962) e Searle (1969).¹¹

Segundo Marcondes (2003, p. 26), “A teoria dos Atos de Fala, como proposta por Austin, pode ser considerada como uma tentativa de dar conta de modo sistemático dos fenômenos pragmáticos [...]”. Inicialmente, Austin utiliza os conceitos de performativo e constativo. O enunciado constativo pode ser considerado verdadeiro ou falso e descreve ou relata um fato, como “João está brincando no quintal”, enquanto o performativo está realizando algo, podendo ser bem ou mal sucedido, como “Prometo que lhe pagarei amanhã”. Porém, Austin percebe que a dimensão constativa está na performativa e vice-versa, propondo o ato de fala como a unidade básica de significação (MARCONDES, 2003).

Em síntese, Austin (1990) explica que, ao proferir enunciados como “Aceito essa mulher como minha legítima esposa”, em uma cerimônia de casamento, ou “Aposto cem cruzados que vai chover amanhã”, não é descrever, nem declarar o que está praticando, é o próprio fazer, quando dizer “aceito” em uma cerimônia de casamento, não é descrever um casamento, mas sim casar-se.

Os Atos de fala são constituídos por três dimensões: o ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário. O ato locucionário é equivalente a proferir uma sentença que tenha sentido e referência, está mais relacionado aos aspectos linguísticos. O ato ilocucionário é a realização do locucionário, que pode ter a

¹¹ A edição que usei de cada obra é a de 1990 para o texto de Austin e a de 2002 para o texto de Searle.

função de pedir, informar, e tem como aspecto a força ilocucionária, que é o próprio performativo, refletindo a posição do locutor em relação ao que ele diz.

Por fim, o ato perlocucionário que são as consequências dos atos,

Dizer, algo frequentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas. E isso pode ser feito com o propósito, intenção ou objetivo de produzir tais efeitos (AUSTIN, 1990, p. 89-90).

Por exemplo, no enunciado “Eu vou estar em casa hoje”, o ato locucionário efetiva uma proposição sobre “eu”, o ato ilocucionário, que é força do enunciado, pode ser uma afirmação e promessa, dependendo do contexto, e o ato perlocucionário, neste exemplo, o efeito produzido em quem enunciou pode ser de agrado ou de ameaça (PINTO, 2004).

Além dessas classificações das dimensões dos atos de fala, Austin (1990) distingue cinco classes de verbos de acordo com sua força ilocucionária: 1) os veriditivos, que expressam um veredito, podem ser uma estimativa, um cálculo, uma apreciação, estabelece fato ou valor; por exemplo, “absolvo”, “calculo”, “avalio” “estimo”; 2) os exercitivos, caracterizados pelo exercício de poder, de direitos ou de influências; por exemplo, “nomeio”, “demito”; “excomungo”; 3) os comissivos, que consistem no ato em que a pessoa se compromete, podendo ser uma promessa ou não, como em casos de declarações ou anúncios de intenção, por exemplo, “prometo”, “aposto”, “planejo”; 4) os comportamentais, que dizem respeito à atitude e ao comportamento social, por exemplo, “peço desculpas”, “agradeço”, “me compadeço”, “boa sorte”; e por fim, o 5) os expositivos, que “esclarecem o modo como nossos proferimentos se encaixam no curso de uma argumentação ou de uma conversa, como estamos usando essas palavras [...]” (AUSTIN, 1990, p. 124), por exemplo, “corrijo”, “repudio”, “reconheço”, “declaro”, “considero como”.

Searle, por sua vez, ressignifica essas classificações, propondo uma taxinomia alternativa: 1) assertivos: compromete o falante com a verdade ou com a falsidade da proposição, como concluir, deduzir; 2) diretivos: são tentativas de levar o falante a fazer algo, como em ordenar, convidar; 3) compromissivos: comprometem o falante, como em prometer, jurar; 4) expressivos: expressam um estado psicológico, como em desculpar-se, agradecer; e 5) declarativos: são a

correspondência do conteúdo proposicional com a realidade, “se sou bem-sucedido em realizar o ato de designá-lo como presidente, então você é o presidente” (SEARLE, 2002, p. 26).

A partir desses conceitos, alguns linguistas trouxeram essa perspectiva filosófica para os estudos linguísticos. A linguística se preocupa com os fatos empíricos das línguas humanas naturais, enquanto a filosofia da linguagem, com as verdades conceituais subjacentes a qualquer sistema de comunicação. Os estudos dos atos de fala foram produzidos, em sua grande parte, por filósofos da linguagem, mas isso mudou: o linguista estuda de que forma a estrutura e a função interagem, incorporando técnicas de análise sintática antes ausentes nos trabalhos filosóficos (SEARLE, 2002).

Segundo Croft (1994, p. 472), “Os atos de fala envolvem a interação do falante e do destinatário, e não simplesmente a execução de um enunciado pelo falante”¹². Para os linguistas, os estudos dos atos de fala são voltados para os estudos tipológicos funcionais, visando à expressão gramatical dos atos de fala. Assim, supõe-se que há universais na estrutura gramatical de uma língua que estão presentes na maioria das culturas e que têm origem cognitiva ou interacional, ou seja, uma estrutura originalmente humana que se reflete na estrutura gramatical.

As línguas possuem formas de expressar se a oração é uma asserção (declarativa), uma solicitação (interrogativa) ou um comando (imperativo). Geralmente, se a língua faz marcações especiais para tipos de atos de fala, o declarativo recebe marcador zero (PAYNE, 1997).

As orações interrogativas têm dois subtipos: 1) a que solicitam informações cuja resposta é sim ou não e 2) a que solicitam respostas mais elaboradas. As línguas do subtipo 1 podem usar de vários recursos para distinguir a solicitação de informação de uma afirmação, dentre elas estão a entonação, ordem das palavras, *tag question* e partículas interrogativas. O uso de partículas interrogativas está mais associado a línguas OV, lembrando que a língua Kaingang se encaixa nesse padrão, a partícula pode ser cliticizada antes ou depois do primeiro constituinte da oração ou ao final, podendo ser omitida; nesse

¹² “Speech acts involve interaction of the speaker and addressee, not simply the execution of an utterance by the speaker; [...]” (CROFT, 1994, p. 472).

caso, a entonação e a situação pragmática determinarão a oração como uma pergunta.

Outro aspecto que também faz parte da categoria de atos de fala é o imperativo. O imperativo é realizado através de formas verbais ou tipos de construção, que designam um comando para o ouvinte. O imperativo tem algumas características específicas: normalmente são referentes a assuntos de segunda pessoa, no qual o assunto é omitido, permitem menos contrastes de tempo, modo e aspecto do que outras construções, podem assumir formas verbais e negação especiais, podem afetar a marcação de caso, e algumas línguas apresentam tipos de imperativos (por exemplo, distingue o imperativo quando envolve ou não movimento) (PAYNE, 1997).

De maneira mais aprofundada, para Sadock e Zwicky (1985), as línguas possuem várias formas de orações que correspondem a situações comunicativas específicas. As orações terão estratégias que corresponderão ao seu uso, que podem se dar por meio de partículas especiais, afixos, ordem das palavras, entonação, ausência de elementos ou alterações fonológicas, e podem ocorrer várias em um mesmo tipo de oração. Dessa maneira, se uma oração apresenta alguma dessas estratégias, seu uso deve ser entendido de um modo específico; a coincidência do uso com a estrutura gramatical é chamada de “Tipo de Oração”¹³.

Dessa forma, as línguas apresentam semelhanças ao apresentar três tipos básicos de orações que desempenham funções semelhantes. São elas: *declarativas*, que são orações sujeitas a julgamentos de verdade e falsidade, usadas para anunciar algo, concluir, relatos etc.; *interrogativas*, que solicitam resposta verbal do destinatário e são mais usadas para obter informações; e *imperativas*, utilizadas para fazer pedidos, indicando o desejo do falante que tem intuito de influenciar eventos futuros (SADOCK; ZWICKY, 1985).

Apesar das semelhanças na distinção dos tipos de oração, as línguas podem desempenhar a função de forma diferente. Por exemplo no Groenlandês há afixos verbais que distinguem se a oração é declarativa, interrogativa ou imperativa:

¹³ Sentence Type (SADOCK, ZWICKY, 1985, p. 155).

- a) Iga-voq
cozinhar-decl.3p.sg
“Ele cozinha”
- b) Iga-va
cozinhar-inter. 3p.sg
“Ele cozinha?”
- c) Iga-git / -guk
cozinhar-imp. 3p.sg
“Cozinhe isso!”

(SADOCK, ZWICKY, 1985, p. 167, tradução livre).

Outros tipos de orações identificados e considerados básicos são o resultado da interação formal de duas propriedades, em vez de marcado por um único elemento gramatical, tais como: os *proibitivos* que podem ser analisados como imperativos negativos; as *optativas* que podem ser baseadas na terceira pessoa do subjuntivo; os *hortativos*, que são analisados como imperativo plural em primeira pessoa; e as *exclamativas*, que são um tipo de interrogativo ou declarativo. Apenas quando a língua tem uma forma distinta de realizar essas expressões os termos citados devem ser usados (KÖNIG; SIEMUND, 2006)

Em geral, os três tipos básicos podem ser identificáveis com base em propriedades formais, mas isso não ocorre em todas as línguas. Há casos de sobreposição de dois tipos de sentenças; algumas línguas não apresentam uma distinção formal entre os declarativos e interrogativos. Portanto, a análise dos três tipos de oração é demasiadamente simplista. Nos exemplos a seguir, König e Siemund (2007) demonstram a dificuldade de distinguir os tipos básicos:

- a. Está terrivelmente frio nesta sala.
- b. Você poderia fechar a janela?
- c. Quem gosta de ser criticado?
- d. Você deve estar se sentindo muito cansado.
- e. Por que você não compra algumas ações?
- f. Garçom, o que aquela mosca está fazendo na minha sopa??¹⁴

¹⁴ a. It is terribly cold in this room.
b. Could you please close the window?
c. Who likes being criticized?
d. You must be feeling very tired.
e. Why don't you buy some stocks?
f. Waiter, what's that fly doing in my soup? (KÖNIG; SIEMUND, 2007, p. 283).

(KÖNIG; SIEMUND, 2007, p. 283).

Tanto na oração declarativa (a) quanto na interrogativa (b) o falante pode estar solicitando que alguém feche a janela. A oração (c) que seria do tipo interrogativa, pode ser apenas uma pergunta retórica; em (d) é uma oração do tipo declarativa que pode solicitar uma informação; em (e) pode parecer mais uma sugestão do que uma solicitação de explicação; e em (f) a oração que seria do tipo interrogativa aparenta ser mais uma crítica do que uma solicitação de resposta. Para resolver essas questões, o pressuposto é que as orações possuem uma função secundária, os atos indiretos de fala, que são baseados em fatores contextuais, por exemplo em (a) só pode ser usado como uma solicitação indireta se houver um ouvinte que se submeta aos interesses do falante.

Por exemplo, no alemão, partículas assertivas como *schon* não são usadas somente em orações declarativas, mas também em perguntas retóricas, dessa forma, o uso de *schon* indica que é uma afirmação, e não uma pergunta.

Wer wird schon gern kritisiert?
Who is assertive voluntary criticized
"Who likes being criticized?"

(KÖNIG, SIEMUND, 2007, p. 284).

Assim, as orações declarativas podem ser usadas por atos indiretos de fala como perguntas e comandos. As orações declarativas recebem marcador zero em relação às orações interrogativas e imperativas, ou seja, são definidas pelas propriedades formais que as distinguem de outros tipos de frases. Para esse fato, os autores apontam como razões: i) as orações declarativas são o tipo mais frequente; ii) a ordem das palavras exibida por orações declarativas é considerada a ordem básica da língua; iii) as orações declarativas são menos restritas em sua distribuição se comparadas com a interrogativa e a imperativa, as orações encaixadas geralmente têm as mesmas propriedades formais que as declarativas, e orações performativas são do tipo declarativa; iv) orações declarativas exibem o paradigma completo de tempo e aspecto disponíveis em uma língua, diferente das imperativas; v) orações declarativas podem ser usadas para expressar a maioria dos atos de fala distinguidos em Searle, como

representativos (está chovendo), comissivos (nunca mais esquecerei seu aniversário), diretivo (você sabe o que tem que fazer), expressivos (desculpe-me) e como declarações (ele é culpado); vi) em muitas línguas, orações interrogativas e algumas imperativas podem ser analisadas como resultado de operações (como adjunção, omissão, mudança de ordem das palavras) realizadas em declarativas, e não o contrário (KÖNIG; SIEMUND, 2007).

Como dito anteriormente, as orações declarativas são usadas para expressar afirmações sobre o mundo do discurso, com valor de verdade, ou seja, com uma atitude de crença; à vista disso, esse tipo de oração pode ser combinado com marcadores de evidência, que sinaliza, por exemplo, se a declaração é um boato, conhecimento comum, evidência visual em primeira mão, entre outros. Porém essa co-ocorrência não quer dizer que os marcadores de evidência são os mesmos de sentenças declarativas. Os autores ressaltam que os termos utilizados como evidenciais são encontrados em descrições e pesquisas descritivas, mas não está claro qual dos termos descrevem fenômenos semelhantes ou diferentes; dessa forma, não há termos que possam ser usados sem gerar ambiguidades nem delimitar a quantidade de categorias evidenciais (KÖNIG; SIEMUND, 2007).

As orações do tipo interrogativo possuem duas classes: as perguntas que requerem resposta SIM/NÃO (interrogativos polares) e as que requerem respostas mais complexas, chamadas de perguntas de informação ou de interrogativos constituintes. Por exemplo:

- a. Você acredita em milagres?
- b. Quem descobriu a América?¹⁵

As orações que requerem respostas polares têm como função indagar sobre a verdade ou falsidade da expressão de pergunta; dessa forma, podem ser respondidas com qualquer termo que represente um valor entre verdadeiro e falso, como “talvez”, “possivelmente”, “muito provável”. O outro tipo requer respostas que informem especificamente a solicitação da palavra interrogativa, no caso do exemplo (b) a palavra *quem* faz essa solicitação.

¹⁵ (25) a. Do you believe in miracles? b. Who discovered America? (KÖNIG, SIEMUND, 2007, p. 291).

Os interrogativos polares são normalmente expressos por seis formas que em ordem decrescente de sua frequência, são: i) entonação, ii) partículas interrogativas, iii) adição de marcas especiais, iv) estruturas disjuntivas-negativas, v) uma mudança na ordem relativa dos constituintes e inflexão verbal específica. (KÖNIG; SIEMUND, 2007).

Segundo os autores, as línguas podem usar mais de uma estratégia; a mais comum e que combina com outras características é a entonação. A entonação utilizada nas orações interrogativas normalmente é oposta às declarativas.

As partículas interrogativas estão sujeitas às variações tipológicas, mas normalmente se localizam na posição final da oração. Em algumas línguas, como Ute e Russo, as partículas interrogativas são classificadas como clíticos ou afixos, pois estão ligadas a um constituinte específico na oração, e não relacionados à oração inteira. (KÖNIG; SIEMUND, 2007).

Em geral, as línguas de verbo-final têm, na maioria das vezes, partículas no final da oração, e nas línguas de verbo-inicial tendem a ter partículas no início. Mas, o Persa e o Ute, que são línguas SOV, vão contra essa generalização. Uma língua pode ter mais de uma partícula interrogativa, o Coreano é um exemplo: todas ocorrem no final da oração e são determinadas pelo nível de formalidade da oração.

Geralmente, as partículas interrogativas estão relacionadas a expressões que introduzem orações subordinadas condicionais, podendo ser formalmente idênticas, como na língua Hue ou no Russo, em que o marcador de condicional *es/li* é derivado da partícula interrogativa *est' + li*.

Os interrogativos constituintes podem se utilizar das mesmas estratégias que as perguntas polares, exceto por estruturas disjuntivas-negativas e a adição de marcas especiais. Porém, a ocorrência dessas estratégias é menos comum, e muitas vezes opcional; os interrogativos constituintes são mais facilmente reconhecidos como interrogativas do que as perguntas polares.

Em geral, a maioria das línguas não marca os interrogativos constituintes com entonação obrigatoriamente. A ocorrência de partículas interrogativas nesse tipo de oração parece redundante no ponto de vista funcional, já que as palavras interrogativas (quem, por que, onde) já transmitem a noção de interrogar, mas

com base nos estudos de 36 línguas “em aproximadamente 50% das línguas as partículas interrogativas são opcionalmente adicionadas aos interrogativos constituintes”¹⁶. O aparecimento de partículas interrogativas em interrogativas constituintes é determinado por algumas restrições que ainda não foram totalmente identificadas, por exemplo, a relação da posição de palavras interrogativas com a posição da partícula. Porém, de maneira relativamente incontroversa, as perguntas que se utilizam de marcas especiais não ocorrem nesse tipo de oração; além disso, é muito comum que as línguas utilizem as palavras interrogativas na posição inicial da oração.

Quanto às orações imperativas, para os autores, elas se referem a assuntos de segunda pessoa, sendo comum a supressão do sujeito. A maioria das línguas utiliza estratégias especiais para expressar o ato de fala diretivo, a forma mais comum é a flexão verbal, por isso normalmente o imperativo é categorizado como um modo. A flexão do imperativo é menos extensa se comparada com os outros modos, além de, geralmente, suprimir flexões de pessoa, número, gênero, tempo, aspecto e similares.

As estratégias podem mudar dependendo da polaridade da oração. Em algumas línguas, os imperativos positivos configuram características formais específicas para o número e pessoa.

Na categoria de imperativos positivos, as línguas podem distinguir gramaticalmente eventos que não precisam ser executados imediatamente. Algumas utilizam marcadores imperativos que designam movimento em relação ao falante; outras utilizam o radical do verbo e algumas não fazem distinção morfológica alguma. Em relação à polaridade da oração, os imperativos negativos (proibitivos) podem ser semelhantes aos imperativos positivos, mas podem ser muito diferentes, adotando algumas características específicas, tais como ter afixos que expressam o ato de fala diretivo, sem que as orações sejam exatamente negativas.

Outro tipo é o imperativo indireto. Os dados dos autores apresentaram línguas que não possuem estratégias exclusivas para expressar o ato diretivo e outras que têm uma estratégia específica, mas não as usam frequentemente,

¹⁶ “[...] approximately 50 per cent of the languages interrogative particles are optionally added to constituent interrogatives.” (KÖNIG; SIEMUND, 2007, p. 300).

substituindo-as por outras construções, por exemplo, no Inglês: “*Thank you for not smoking, Could you...?*”. Algumas línguas usam marcadores de tempo e de aspecto para designar o imperativo, podendo ser orações declarativas com advérbios temporais, como “agora”.

O termo *imperativo* é mais encontrado quando associado à função de 2ª pessoa; quando expressam comando ou solicitações à 1ª pessoa são, geralmente, chamados de *hortativos*, e quando se dirigem à 3ª pessoa são chamados de *optativos* ou *jussivos*. Alguns outros termos são usados para o escopo das orações imperativas quando relacionadas ao tipo de força ilocucionária, por exemplo, a força das exortações está mais ligada ao *hortativo*; os desejos, às *optativas*; as obrigações, aos *debitivos*; os pedidos, aos *rogativos*; e a monitoria aos *avisos*.

As línguas escolhem uma mistura de formas e funções para realizar essas forças ilocucionárias, não sendo constatada uma língua que tenha paradigmas morfológicos para cada uma delas. Além disso, os termos mencionados acima variam de autor para autor, não sendo completamente fixos (KÖNIG; SIEMUND, 2007).

Além dos tipos de orações que contemplam as funções comunicativas mais básicas, algumas línguas se utilizam de tipos menores. Dentre eles, o performativo explícito, em que o ato realizado está explicitado no verbo, ao contrário do declarativo, interrogativo e imperativo, que comumente são realizados implicitamente. Por exemplo, no imperativo: “(17) I command you to open that trunk” (SADOCK, ZWICKY, 1985, p. 157).

É comum que elementos que marcam os tipos de oração sejam semelhantes a elementos com significados modais ou adverbiais. Dessa forma, os tipos de línguas possuem dois sistemas: existem conjuntos de orações correspondentes que diferem no tipo de oração e conjuntos distintos que correspondem ao mesmo tipo de oração; por exemplo, no Inglês é possível declarativos correspondentes a perguntas de sim/não e imperativos.

You caught the speckled geese
Did you catch the speckled geese?
Catch the speckled geese!

(SADOCK, ZWICKY, 1985, p. 159).

Como também há orações em que não é possível ser declarativas ao mesmo tempo que imperativas:

*He would can be kind
 *Must be kind!
 *Should jump! (SADOCK, ZWICKY, 1985, p. 159).

4.2 Relações Gramaticais

As Relações Gramaticais (RG) são referidas pelos elementos sujeito, objeto direto, objeto indireto, ergativo e absolutivo, cujas propriedades formais estão relacionadas à marcação de caso, à ordem das constituintes e à marcação de referência do participante nos verbos (PAYNE, 1997). Outros termos são utilizados para denominar os elementos básicos das relações gramaticais e são estipulados por Dixon (1994): S (sujeito intransitivo), A (sujeito transitivo) e O (objeto direto). Payne (1997) utiliza a nomenclatura utilizada por Comrie (1978), que corresponde a S, A e P, respectivamente.

As relações gramaticais pressupõem dois tipos de orações prototípicas: oração com um argumento e com mais de um argumento. Assim, em um sistema que agrupa S, A e P, o S é o argumento de orações com apenas um argumento, o A e o P são argumentos de uma oração com mais de um argumento, o A tem um papel semântico mais voltado para o agente, enquanto o P para o paciente.

Payne (1997) discorre acerca da dificuldade teórica a respeito da relação entre os papéis semânticos e *status* pragmático e as RGs, já que existem infinitos papéis semânticos e *status* pragmáticos, enquanto as RGs são apenas três; assim, para o autor, as relações gramaticais devem ser uma categoria independente dos papéis semânticos/*status* pragmático dentro de qualquer teoria linguística. Por exemplo:

<u>George</u> abriu a porta	sujeito: AGENTE
<u>Esta chave</u> abriu a porta	sujeito: INSTRUMENTO
<u>O vento</u> abriu a porta	sujeito: FORÇA
<u>A porta</u> foi aberta pelo vento	sujeito: PACIENTE ¹⁷

(PAYNE, 1997, p. 131).

¹⁷ George opened the door
This Key opened the door
The wind opened the door
The door was opened by the wind

subject: AGENT
 subject: INSTRUMENT
 subject: FORCE
 subject: PATIENT

(PAYNE, 1997, p. 131).

Os sujeitos, que estão sublinhados, nem sempre recebem o mesmo papel semântico de agente; assim, não se torna possível afirmar que os papéis semânticos derivam das relações gramaticais, da mesma forma como ocorre com o *status* pragmático. Segundo o autor, é comum relacionar o *status* tópico à relação gramatical de sujeito, porém, assim como ocorre com os papéis semânticos, ocorre com o *status* pragmático:

- a) I just married the most beautiful woman in the world
 - b) Now beans I like
 - c) As for democracy, I think it's the best form of government
- (PAYNE, 1997, p. 131).

Segundo o autor, o *status* pragmático tópico é muito difícil de ser definido. Tradicionalmente o tópico é sobre o que se trata a frase; dessa forma, nos exemplos, o sujeito não corresponde ao assunto da frase.

Apesar dessas divergências, o autor diz que as Relações Gramaticais têm papel fundamental na teoria linguística, apesar de ser difícil de explicar o seu *status* funcional. À vista disso, teóricos funcionalistas adotam os conceitos de protótipos mais gramaticalização, ou seja, se dentro de uma oração, um sintagma nominal (SN) desempenha o papel semântico de agente e o *status* pragmático de tópico, ele fornece base funcional para a categoria formal, gramaticalizando como sujeito; e se um SN tiver um papel agente ou *status* de tópico menos prototípico, ele será agrupado com base em suas funções semânticas e pragmáticas ao que mais se aproxima ao prototípico.

Por exemplo, na frase em inglês *John likes beans*, a pessoa que "gosta" é tratada gramaticalmente da mesma forma que o AGENTE de um verbo agentivo como matar ou comer. Em outras línguas, notadamente o espanhol, a pessoa que gosta de algo é tratada como um objeto indireto:

- (3) Me gusta la yuca
- 1sg: DAT como: 3sg ART mandioca
- "Eu gosto de mandioca"¹⁸.

¹⁸ For example, in the English sentence John likes beans the person who "likes" is treated the same grammatically as the AGENT of an agentive verb like kill or eat. In other languages, notably Spanish, the person who likes something is treated as an indirect object:

- (3) Me gusta la yuca
- 1sg:DAT like:3sg ART manioc
- "I like manioc"

(PAYNE, 1997, p. 132).

Em inglês, o papel semântico experimentador se agrupa gramaticalmente com o papel de agente, enquanto em espanhol o experimentador se agrupa mais com os papéis semânticos de receptores e pacientes, tendo a mesma relação gramatical.

Em síntese, as relações gramaticais são categorias formais que permitem que as línguas lidem com a variabilidade de papéis semânticos e de *status* pragmáticos. Portanto, existem formas de agrupar os argumentos na oração, e as línguas utilizam de meios morfossintáticos para expressar esses agrupamentos. Assim, se em um sistema que agrupa S, A e P não houver um argumento que tenha o papel semântico AGENTE, o A será tratado morfossintaticamente da mesma forma que um agente prototípico, da mesma forma ocorre com o P e o papel semântico PACIENTE.

A relação gramatical do sujeito pode ser definida como S junto com A, e P sozinho; esse sistema de agrupamento é denominado nominativo-acusativo. Como exemplificado pelo autor, em inglês, o pronome de 3ª pessoa do singular masculino *he* pode ser usado tanto em S quanto em A, não podendo ser usado em P, portanto, para a posição de objeto, o pronome de 3ª pessoa do singular masculino é *him*.

- S
 a. He left
 A P
 b. He hit him

(PAYNE, 1997, p. 134).

O sistema que marca igualmente S e A é nominativo, se marca apenas P é acusativo; essa marca pode ser feita de várias formas, seja com marca morfológica, ordem das constituintes ou marcação de pessoa em verbos.

Outro sistema de agrupamento é denominado ergativo-absolutivo, quando o caso marca apenas o argumento A; quando marca os argumentos S e P, é o caso chamado absoluto, como no exemplo da língua *eskimó yup'ik*:

- S
 a) Doris-aq ayallruuq
 Doris-ABS traveled
 "Doris traveled"

 A P
 b) Tom-am Doris-aq cingallrua

Tom-ERG Doris-ABS greeted
 “Tom greeted Doris”

(PAYNE, 1997, p. 135).

Assim, temos o argumento da oração transitiva (S) marcado morfológicamente com o sufixo *-aq*, igualmente ao objeto direto da oração transitiva (P), enquanto A recebeu uma marcação *-am*, diferentemente dos outros argumentos.

O autor postula que, do ponto de vista funcional, a distinção mais importante é a de A e P, já que é através deles que conseguimos distinguir qual argumento está agindo sobre qual; logo, a distinção entre S-A e S-P é irrelevante do ponto de vista pragmático. Além de distinguir, as relações gramaticais unem elementos que possuem funções semelhantes, que são determinados por suas funções semânticas e pragmáticas. Assim, no sistema nominativo-acusativo, há certa semelhança funcional entre S e A; e no sistema ergativo-absolutivo, entre S e P. Por exemplo, a semelhança semântica entre S e A é a agentividade:

- | | | |
|------|----------------------------------|------------------------|
| (12) | a. Jorge stalked out of the room | S is agentive |
| | b. Wimple embraced the Duchess | A is agentive |
| | | (PAYNE, 1997, p. 141). |

E entre S e P é a mudança de estado:

- | | | |
|------|----------------------------|------------------------|
| (13) | a. The bomb exploded | S changes state |
| | b. Lucretia broke the vase | P changes state |
| | | (PAYNE, 1997, p. 141). |

Enquanto na pragmática S e A são papéis em que a topicalidade é expressa, tendem a ser agentes e é muito mais provável que sejam seres humanos. Entre S e P a semelhança é que, na maioria das vezes, apresentam informações novas ou assertivas. Os argumentos A tendem a ser agentes, tópicos e a representar informações dadas; os argumentos P tendem a ser pacientes e a representar informações novas, o que justifica a maioria das línguas tratar morfossintaticamente S e P ou S e A da mesma forma, mas A e P de forma diferente (PAYNE, 1997).

Quando baseados no valor dos tópicos A e P, em situações transitivas, um dos participantes tem mais probabilidade pragmática de ser A do que ser P, por exemplo, em uma situação que envolve seres humanos e seres não humanos, é mais provável que o ser humano seja A, portanto mais agente e mais tópico.

Portanto, existe um *continuum* entre a relação gramatical, os papéis semânticos e o *status* pragmático. O *status* pragmático diz respeito à adaptação do discurso a fim de torná-lo eficiente na comunicação; diferentemente dos papéis semânticos, o *status* pragmático relaciona o conteúdo ao contexto externo, os mais comuns, embora discutíveis são: dado, novo, pressuposto, foco, tópico, identificável (ou definido) e referencial.

Como foi visto anteriormente, as línguas podem expressar o *status* pragmático e os papéis semânticos através das relações gramaticais, porém também podem apresentar o *status* pragmático de forma especial. A forma mais comum é a entonação, mas algumas línguas operam através da ordem das constituintes, de formativos e de *cleft constructions* (PAYNE, 1997).

Para Givón (2001), os marcadores de caso possuem funções interligadas ao discurso; a necessidade de codificar i) os papéis semânticos, ii) os papéis pragmáticos e iii) a transitividade motiva a marcação de caso.

Os marcadores de caso são um tipo comum de modificadores. Os nomes e os pronomes são os sintagmas nominais mais comumente encontrados no discurso. Raramente eles precisam de algum modificador já que contam com uma referência bem especificada e única. Portanto, o modificador é usado para especificar ou restringir o domínio de referência dos substantivos principais, pois os substantivos, diferentes dos nomes e dos pronomes, não se referem a si próprios como únicos, mas sim como um tipo de entidade, exigindo modificações adicionais (GIVÓN, 2001).

Quando o caso codifica os papéis semânticos, temos o sistema ativo-estativo. A marcação de caso em línguas ativo-estativas é orientada semanticamente, por exemplo, o Chickasaw distingue agente vs. paciente vs. dativo nos pronomes afixos no verbo.

Em línguas em que a marcação de caso é orientada pela pragmática, temos o sistema nominativo-acusativo. Nesse sistema, a morfologia da marcação de caso é independente dos papéis semânticos e da transitividade, codifica o sujeito gramaticalizado (nominativo) e o objeto direto (acusativo). Segundo o autor, há várias sub-variações dentro desse sistema. No Japonês a marcação de caso é em sintagmas nominais completos, mas não em pronomes ou afixos pronominais verbais:

- a) Intransitive subject
sense-**ga** tooku-e itta
teachr- **NOM.** away- LOC went
“the teacher went away”
- b) Transitive subject & object
otoko-**ga** onna-ni tegami-**o** kaita
man- **NOM** woman-DAT letter- **ACC** sent
“the man sent a letter to the woman”
- c) Transitive, anaphoric subject & object
[Ø] onna-ni [Ø] kaita
s/he woman-DAT **it** sent
“s/he sent it to the woman”

(GIVÓN, 2001, p. 203).

No sistema nominativo-acusativo, o sujeito dativo surge na maioria das línguas, em alguns casos onde o verbo faz com que o papel pragmático de tópico seja substituído pelo papel semântico de dativo, ou seja, em línguas nominativas, a codificação do papel semântico assume a marcação de caso em alguns verbos, como acontece no Inglês, no Espanhol, no Hebraico, que são línguas extremamente nominativas que permitem a ocorrência desse padrão conflitante.

Quando a marcação de caso é orientada pela transitividade, temos o sistema ergativo-absolutivo, que faz a distinção sintática entre orações transitivas e intransitivas. Porém, segundo o autor, em línguas ergativas, devido à correlação entre transitividade semântica e sintática, fatores que começam com semântica (por exemplo, agentividade) acabam tendo fortes consequências sintáticas no nível da oração.

Na definição clássica, segundo o autor, o sujeito de uma oração transitiva é marcado com o caso ergativo, enquanto o objeto de uma oração transitiva e o sujeito de uma oração intransitiva são marcados no caso absoluto, que normalmente é marcado com zero. A língua pode não exibir morfologia de marcação de caso ergativo em todos os seus contextos, pois permitem, independentemente da tipologia da marcação de caso, que as RGs sejam orientadas pelo princípio pragmático da topicalidade.

Há línguas que intercalam entre os sistemas nominativo-acusativo e ergativo-absolutivo, a chamada ergatividade cindida (*split ergativity*), que pode ocorrer de diversas formas, mas seguem um caminho previsível, de hierarquia, a partir do princípio de que, “se uma língua tem morfologia ergativo-absolutiva em um contexto

menos transitivo, ela também a terá em um contexto mais transitivo; mas não vice-versa"¹⁹ (GIVÓN, 2001, p. 211).

Dessa forma, o sujeito e o objeto direto podem ser vistos como tópicos gramaticalizados no discurso. A topicalidade de papéis semânticos segue a hierarquia: Agente > Dativo/Benefactivo > Paciente > Locativo > outros. Se a oração simples possui um agente é mais provável que ele seja sujeito, senão será o abaixo na hierarquia. Se na oração simples há um dativo/benefactivo, é provável que seja o objeto direto, senão irá para o próximo abaixo na hierarquia.

4.3 Coerência Referencial

A topicalidade está ligada à noção de referência, que está ligada, segundo Givón (1992), ao processamento mental. Alguns aspectos gramaticais são usados para codificar a coerência referencial acionando operações mentais no interlocutor. Essas operações estão atreladas ao domínio cognitivo de ativação atencional e operações de arquivo de memória. Assim,

A gramática da coerência referencial não é principalmente sobre referência. Em vez disso, trata-se de identificar e ativar os arquivos mentais ('nós') onde o texto codificado verbalmente é armazenado na memória episódica²⁰ (GIVÓN, 1992, p. 2).

A gramática de coerência referencial está diretamente ligada aos processos da comunicação humana. A coerência referencial tem como domínio funcional a gramática dos pronomes e da concordância gramatical, que se cruzam e interagem, apesar de serem distintos. O primeiro está no campo semântico, que envolve a diacronia dos sistemas pronominais, do qual encontram-se os paradigmas clássicos de pronomes independentes, com as características classificatórias: i) pessoa (falante/ouvinte); ii) número; iii) gênero/classe; iv) dêixis; v) papel de caso. O segundo está no campo pragmático, que envolve a referência anafórica; nele estão os pronomes independentes, clíticos, flexionais ou anáforas nulas, que fazem parte de um sistema que inclui: i) sujeito e objeto gramatical; ii) referência e definição; iii) voz de-transitiva pragmática; iv) orações relativas; v)

¹⁹ If a language has ergative-absolutive morphology in a less transitive context, it will also have it in a more-transitive context; but not vice versa (GIVÓN, 2001, p. 211).

²⁰ "Nominal referents ('topics') serve as the file labels, used to identify, access and activate the episodic-memory files where incoming information is filed" (GIVÓN, 1992, p. 2).

construções de foco contrastivo; vi) construções de tópicos marcados; vii) dispositivos *switch-reference devices*.

Os sistemas pronominais, assim como as outras estruturas gramaticais, seguem uma trajetória gramatical distinta. No esquema a seguir é demonstrado a ascensão diacrônica, conduzida pela semântica e pela pragmática, e a queda diacrônica, conduzida fonologicamente.

(1) The rise and fall of pronominal systems

a) Rise of semantic pronominal paradigms
(primary grammaticalization)

Speaker/hearer

Number

Classifiers

stressed independent PRO

Deictics

Case-marking

b) Rise of anaphoric pronominal morphology
(secondary grammaticalization)

stressed independent PRO

unstressed/clitic anaphoric PRO

anaphoric pronominal affixes

obligatory pronominal agreement

c) Decay of anaphoric pronominal morphology
(de-grammaticalization)

Obligatory pronominal agreement

Fused inflections

morpho-phonemics

zero

(GIVÓN, 2001, p. 400).

Os sistemas pronominais são gramaticalizados/moldados pela união de características semânticas, sintáticas e pragmáticas, que dizem respeito às classificações: a) participantes de atos de fala (“situação de fala e seus participantes (SAPs)”²¹ (GIVÓN, 2001, p. 401)), sendo os referentes 1ª pessoa, o falante, 2ª pessoa, o ouvinte e a 3ª pessoa, o não SAP; b) dêixis espacial em relação ao SAPs, classificando os referentes não SAP quanto à sua proximidade espacial e/ou visibilidade para o falante e para o ouvinte (isto, aquele, você); c) número, que classifica os referentes conforme sua individuação e o número (plural, singular, dual); d) classe ou gênero, classifica os referentes em relação às

²¹ “[...] speech situation and its participants (SAPs)” (GIVÓN, 2001, p. 401).

suas características semânticas inerentes; e e) papel de caso, que classifica os referentes quanto ao seu papel de caso na oração (GIVÓN, 2001).

Além das classificações acima, em algumas línguas existe a especificidade, pouco comum, da inclusão vs. exclusão; essa condição diz respeito à primeira pessoa dual ou plural, em que em algumas línguas o “Nós” inclui o ouvinte e em outras não inclui. Em outras línguas, há uma característica comum, que está relacionado à definição e referência, e se aplica a terceiras pessoas, ou seja, pessoas que não são participantes da situação do discurso, são pronomes indefinidos e não referenciais, como no Inglês *anyone, nobody*.

Logo, os paradigmas pronominais podem se dar de várias formas; por exemplo, no Hebraico moderno, há a cliticização de pronomes sujeitos em paradigmas verbais que desenvolveram ambiguidade de pessoa, gênero ou número, em estágio inicial de afixação de pronomes sujeitos clíticos. Assim, os pronomes sujeitos independentes tornam-se prefixos verbais anafóricos; em geral, sem os prefixos, em situações anafóricas, as orações ficam quase agramaticais.

(15) Context: So what's she doing now?

a. Response (no-PRO)

kore-**t** et-ha-iton

read/impfv-**fem.sg** acc-the-paper

'(she is) reading the paper'

b. Response (with PRO)

hi-kore-t et-ha-iton

3fem.sg-read/impfv-fem.sg acc-the-paper

'she is reading the paper'

(GIVÓN, 2001, p. 408).

Com SN completos, em contextos não anafóricos, o pronome de sujeito independente ainda não é usado no paradigma verbal imperfectivo.

(17) a. Full-NP subject (no PRO)

Mira kore-**t** et-ha-iton

Mira read/impfv-fem.sg acc-the-paper

'Mira is reading the paper'

b. Full-NP subject (*with PRO)

*Mira **hi**-kore-t et-ha-iton

Mira 3fem.sg-read/impfv-fem.sg acc-the-pap

(GIVÓN, 2001, p. 409).

A concordância pronominal obrigatória é consequência da fusão de três processos independentes, motivados por sua própria dinâmica discursivo-pragmática, são eles: “a ascensão diacrônica de pronomes anafóricos clíticos a partir de pronomes tônicos independentes, a alta frequência de texto de pronomes anafóricos, a alta frequência de cliticização no verbo” (GIVÓN, 2001, p. 417).

Esses processos estão conectados com quatro dispositivos que pertencem à gramática de coerência referencial: “zero anafórico, pronomes anafóricos átonos, pronomes tônicos independentes e SNs completos definidos (vs. Indefinidos)” (GIVÓN, 2011, p. 417). Esses dispositivos são usados em contextos específicos do discurso, de forma que seja acessível ao ouvinte, ou seja, em que há uma representação mental pré-existente na mente do ouvinte.

Dentro das mesmas classificações pragmáticas e semânticas atribuídas aos sistemas pronominais que foram descritas acima, são aplicados à “concordância do núcleo-modificador no sintagma nominal” (GIVÓN, 2001, p. 427), exceto as características que envolvem os SAPs, pois a referência dos SAPs é sempre pronominal, logo não aceitam modificadores.

Para o autor, a nomenclatura concordância núcleo-modificador no sintagma nominal é um tanto imprópria, pois, dentro das características encontradas nessa classificação (classe de substantivo/gênero, número, definição, papéis de caso), apenas a classe/gênero é uma característica inerente ao SN; os outros são adicionais semânticos e pragmáticos codificados no SN.

Segundo o autor, em algumas línguas, a concordância no SN é do mesmo tipo que a concordância verbal pronominal, por exemplo, na língua Suaíli. A mesma sílaba que é base do sistema pronominal da língua é a forma básica do modificador. Há línguas em que a concordância de gênero e número no SN se assemelha às categorias de classificadores de núcleo de substantivos “tanto que a origem mais provável de tal acordo pode ter a ver com o surgimento do *adjetivo* de classe de palavras a partir do substantivo de classe de palavras” (GIVÓN, 2001, p. 427).²²

Como a marcação de caso é também um modificador, em algumas línguas as orações adverbiais participiais são tratadas como modificadores, concordando

²² “[...] so much so that the most likely origin of such agreement may have to do with the rise of the word-class adjective out of the word-class noun” (GIVÓN, 2001, p. 427).

com o sujeito ou objeto. Segundo o autor, esse recurso pode ser usado para marcar continuidade ou descontinuidade do sujeito. Além disso,

Embora os mecanismos reais responsáveis pelo aumento diacrônico da concordância no SN ainda sejam totalmente compreendidos, é mais provável que a alta frequência de pronominalização anafórica tenha muito a ver com isso. Mas a pronominalização de um tipo diferente do discutido até agora – o uso de modificadores de substantivos como pronomes. É bem sabido que as línguas com concordância SN viável mais extensa desfrutam de uma latitude muito mais ampla no uso de modificadores como pronomes anafóricos²³ (GIVÓN, 2001, p. 430).

A coerência referencial tem, portanto, muito a ver com os paradigmas pronominais, já que são eles que determinam os participantes que interagem no momento da comunicação.

À vista disso, o discurso é multiproposicional e tende a manter a continuidade ou recorrência de alguns elementos, por exemplo, o referente (tópico).

Segundo o autor, um dos aspectos mais importantes é a divisão das informações novas (assumido pelo falante como acessível ao ouvinte) e antigas (assumido como inacessível pelo falante em relação ao ouvinte) no discurso; as informações totalmente antigas são inúteis para o ouvinte, assim como as novas que não oferecem sustentação para coerência das informações; dessa forma, as informações tendem a ser híbridos informacionais.

O discurso tende a trazer entidades salientes e temporalmente estáveis, que normalmente são substantivos, o discurso humano aparenta ser sobre essas entidades. “Eles são então codificados por vários meios gramaticais como os referentes tópicos no discurso e são mais comumente os sujeitos gramaticais e objetos das orações” (GIVÓN, 1992, p. 5).

O tópico não é uma característica relacionada a eventos, mas sim ao discurso; tem uma função extraclausal, relacionada ao contexto do discurso na

²³ “While the actual mechanisms responsible for the diachronic rise of agreement in the NP are yet to be fully understood, it is most likely that high frequency of anaphoric pronominalization has much to do with it. But pronominalization of a different sort than the one discussed thus far—the use of noun-modifiers as pronouns. It is well known that languages with more extensive, viable NP agreement enjoy a much wider latitude in using modifiers as anaphoric pronouns” (GIVÓN, 2001, p. 430).

oração. A topicalidade é uma dimensão cognitiva, pois a atenção é uma capacidade mental limitada do falante, sendo necessária a seleção dos participantes de uma oração, provavelmente por isso apenas um ou dois participantes do evento recebe uma marca gramaticalizada (GIVÓN, 2001).

As propriedades mais heurísticas da distribuição dos argumentos tópicos no discurso são: a persistência catafórica (argumentos marcados como tópico, por quaisquer meios gramaticais, tendem a persistir por muito mais tempo no discurso subsequente) e a acessibilidade anafórica (“Para pelo menos alguns dispositivos gramaticais de codificação de tópicos, os argumentos marcados por eles tenderão a já ter sido tópicos no discurso anterior”) (GIVÓN, 2001, p. 198).²⁴

Logo, a topicalidade envolve a coerência referencial: anafórica e catafórica. A anafórica diz respeito à acessibilidade do referente no discurso anterior, instruindo o ouvinte a localizar o referente dentro de sua representação mental, e a catafórica entende-se pela importância que o referente terá no decorrer do discurso. Portanto, o tópico é marcado quando as construções são de baixa acessibilidade, por serem novos no discurso, por serem reintroduzidos no discurso após um intervalo de ausência ou por contraste referencial; desse modo, aplicam-se a SNs mais completos, contrastando com pronomes átonos e zero, que codificam referentes contínuos no discurso (GIVÓN, 2001).

Os nomes referenciais tendem a ser tópicos anafóricos e persistem no discurso como catáfora; quando não referenciais, tendem a ser indefinidos, mesmo que indefinido possa ser referencial.

Os sujeitos são logicamente mais tópicos do que os objetos diretos, e os objetos diretos mais tópicos do que os indiretos, obedecendo à hierarquia:

(7) Topicality and grammatical case-roles:
SUBJECT > DIRECT OBJECT > OTHERS

(GIVÓN, 1992, p. 7).

Além disso, a comunicação humana é pautada em coerência temática, o que significa que o tópico só é 'falado' ou 'importante' se permanecer 'falado' ou 'importante' em uma série de orações sucessivas.

²⁴ “For at least some topic-coding grammatical devices, arguments marked by them will tend to have already been topical in the preceding discourse” (GIVÓN, 2001, p. 198).

A referencialidade tem a ver com o nível de previsibilidade, coerência ou acessibilidade das informações transmitidas pelo discurso. A acessibilidade do ouvinte pelo falante se dá pelo contexto compartilhado entre eles, que pode ser a situação de fala (contexto deiticamente compartilhado), o conhecimento cultural (contexto genericamente compartilhado) e o discurso anterior (contexto textualmente compartilhado).

Há algumas formas de quantificar a topicalidade. Pela acessibilidade referencial é possível verificar através: a) da distância anafórica, ou seja, o número de orações, ou tempo decorrido, desde a última ocorrência no discurso; b) do *switch reference*, se a oração anterior tem o mesmo referente que um argumento ou não; c) da interferência potencial, o número de referentes semanticamente compatíveis nas orações anteriores 1-2 (GIVÓN, 2001).

As duas primeiras medidas avaliam aspectos inversos da continuidade referencial. A medida da distância anafórica foi originalmente concebida como uma escala graduada com valores de 1 a 20, mas posteriormente revisada para distribuição percentual dentro de segmentos distantes discretos mais anafóricos. A medida *switch reference* produz uma escolha binária discreta entre o mesmo referente que um argumento ou não dentro da oração anterior. A medida de potencial referência produz uma escala binária discreta (presente vs. ausente) ou uma escala de três pontos (dois presentes vs. um presente vs. ausente) (GIVÓN, 1992).

É possível, também, verificar por meio da importância temática. Apesar de ser subjetiva e da dificuldade de medir a importância dos referentes, é possível fazer suposições comportamentais que se relacionam com a importância do tópico. O autor elenca três formas de avaliar a importância dos referentes: i) através de juízes que classifiquem os referentes nominais dada a sua importância; ii) através de medidas psicométricas, ou seja, de memória e de atenção sobre o referente; e iii) da frequência dos referentes no discurso, já que a frequência se relaciona com a importância temática. O item iii) pode se dar pela persistência do tópico, por meio da catáfora, ou pela frequência geral.

(15) Medidas de frequência de texto de importância temática:

a. Persistência de tópico (TP)

"O número de vezes que o referente persiste como um argumento oracional nas 10 orações subsequentes após a oração atual"

(Givón ed. 1983; Cooreman 1983; Rude 1985; Wright e Givón 1987; Thompson 1989; Watanabe 1989; Givón ed. 1977b).

b. Frequência geral (OF)

“O número total de vezes que um mesmo referente aparece como argumento oracional no discurso” (Zubin 1979) (GIVÓN, 1992, p. 14).²⁵

A medida da persistência do tópico está na escala de 0-10, e a medida da frequência geral é acima de 0. Apesar dos estudos quantitativos, a topicalidade não é uma propriedade escalar. Segundo o autor, os estudos quantitativos levaram a modelos explicativos do texto ao invés do processamento cognitivo da interpretação do texto; assim, a topicalidade é um processo discreto de ativação atencional, e não uma propriedade escalar (GIVÓN, 1992).

Pela limitação cognitiva, apenas um referente/tópico pode estar ativo por oração, portanto existem formas de ativação do sistema atencional que são acionados pela gramática da coerência referencial: i) continuar a ativação do arquivo aberto no momento, ii) encerrar a ativação do arquivo atualmente aberto, iii) ativar um arquivo inativo, ativando um novo ou reabrindo um já existente (GIVÓN, 1992, p. 20).

Dessa forma, sintagmas nominais definidos são, em princípio, referentes, dada a condição de acessibilidade mental.

Os nomes próprios são definidos; além de serem atributos a pessoas únicas globalmente importantes, são também referentes espaciais ou temporais únicos, que estão consolidados no discurso em questão, podendo ser um nome não relacional, que, uma vez estabelecido no texto, é acessível no decorrer dele. Por exemplo:

name	referent type	current text
a. Dorian Gray	person	a novel
b. George Washington	person	US history
c. John	person	one's life
d. Lima, Perú	location	world geography
e. The Civil War	time	US history

²⁵ (15) Text-frequency measures of thematic importance:

a. **Topic persistence (TP)**

“The number of times the referent persists as a clausal argument in the subsequent 10 clauses following the current clause” (Givón ed. 1983; Cooreman 1983; Rude 1985; Wright and Givón 1987; Thompson 1989; Watanabe 1989; Givón ed. 1977b).

b. **Overall frequency (OF)**

“The total number of times the same referent appears as clausal argument in the discourse” (Zubin 1979) (GIVÓN, 1992, p. 14).

(GIVÓN, 2001, p. 465).

Dessa forma, “os nomes são usados em contextos semelhantes de descontinuidade referencial como SNs totalmente definidos. Ou seja, eles reintroduzem o participante no discurso após um intervalo considerável de ausência.” Alguns nomes dependem do compartilhamento do conhecimento léxico-cultural e requerem acesso referencial híbrido; para que seja acessível e definido, ele deve estar ancorado com outro referente:

name	text	convention
a. Mom, Dad	one's life	a person has only one Mom and Dad
b. home	one's life	a person has only one home at a time
c. Tuesday	each week	each week has only one Tuesday
d. January	each year	each year has only one January
e. Christmas	each year	each year has only one Christmas

(GIVÓN, 2001, p. 465).

No exemplo a seguir, a âncora anafórica em a) é dada para “*Dad*” a partir do falante “*I*”, portanto o referente é acessível, já que paternidade é um léxico compartilhado culturalmente. A acessibilidade anafórica de “*Mary*” em b) depende da sua introdução anterior no texto, como em c). Então, o pai de Mary em c) é acessível baseado na ancoragem híbrida no texto b), compartilhada através da acessibilidade do conhecimento cultural de paternidade.

- (70) a. Dad was born in 1913.
 b. Mary was born in 1913.
 c. Mary's dad was born in 1913.

(GIVÓN, 2001, p. 465).

Quanto ao sujeito genérico, que se refere a gêneros/espécies, eles recebem o mesmo tratamento no discurso subsequente, com pronomes anafóricos semelhantes, independentemente se for singular-definido, singular-indefinido ou plural.

A definição e a referência se conectam com os papéis semânticos e gramaticais. Os papéis sujeito, dativo/benefactivo e associativo são, majoritariamente, definidos por sua topicalidade ou humanidade ou ambos, portanto mais referentes e definidos. Os papéis locativo e temporal são normalmente referentes e definidos por serem circunstâncias no discurso, estabelecidos antes dos participantes. Os instrumentais são não referentes e

indefinidos, por serem não tópicos e não referenciais. Os papéis paciente-objeto têm definição imprevisível (GIVÓN, 2001).

A previsibilidade da definição ajuda a explicar alguns aspectos; por exemplo, a existência de línguas em que a definição fica não codificada ou é subgramaticalizada. Segundo o autor, a gramaticalização primária de definido e indefinido parece ser motivada pela topicalidade. “Parafraseando Ron Langacker, a semântica é mais uma vez a pragmática gramaticalizada. Ou mais precisamente, a pragmática gramaticalizada é a precursora da semântica gramaticalizada”²⁶

Seguindo pela mesma linha, Dubois (1987) demonstra que fenômenos como o sistema de relações gramaticais podem ser estruturados pelo discurso. O autor demonstra que o fenômeno da ergatividade pode ter motivação discursiva, baseada na relação do fluxo de informação no discurso, na distribuição de argumentos lexicais e de novas menções nos papéis gramaticais do discurso.

A base discursiva da ergatividade pode estar universalmente presente no discurso falado espontâneo de todas as comunidades de fala; constitui um tipo de pressão independente para proteger o alinhamento estrutural ergativo. Mas compete com a pressão da continuidade do tópico para a estruturação das relações gramaticais e, portanto, nem sempre surge como uma estrutura gramatical fixa e aberta. Ao todo, procurei demonstrar que fenômenos internos à linguagem tão básicos quanto o sistema de relações gramaticais podem ser estruturados por forças que surgem do discurso²⁷ (DUBOIS, 1987, p. 850).

Considero que essa perspectiva possa contribuir, em estudos futuros, para a compreensão da existência da ergatividade no Kaingang, pois segundo Dubois (1987) somente olhando para fora do domínio da gramática é possível reconhecer a base real para esse tipo gramatical.

²⁶ “To paraphrase Ron Langacker, semantics is once again grammaticalized pragmatics. Or more precisely, grammaticalized pragmatics is the precursor of grammaticalized semantic” (GIVÓN, 2001, p. 474).

²⁷ The discourse basis of ergativity may well be universally present in the spontaneous spoken discourse of all speech communities; it constitutes a type independent pressure to ward ergative structural alignment. But it competes with the pressure of topic continuity for the structuring of grammatical relations, and thus does not always emerge as overt fixed grammatical structure. In all, I have sought to demonstrate that language-internal phenomena as basic as the system of grammatical relations can be structured by forces arising out of discourse.

5 ANÁLISE

5.1 Atos de fala

Da mesma forma como foi apresentado em Wieseemann (2011) e Nascimento (2017), cujas pesquisas foram realizadas em diferentes TIs, as orações do tipo interrogativas polares apresentam o morfema *mỹ*, independentemente do tipo do sujeito e da transitividade verbal. Dessa forma, utilizam da estratégia de acréscimo de partícula²⁸ interrogativa para expressar o ato comunicativo que requer resposta SIM/NÃO.

1. Maria fi mỹ gãr to há nĩ?

Maria F INT milho gostar ASP

“Maria gosta de milho?”

2. Maria fi mỹ to hé?

Maria F INT cair

“Maria caiu?”

Segundo Tabosa (2014, p. 108) “O kaingang constitui-se como uma língua posposicional, portanto o marcador de sujeito, assim como os determinantes do nome, segue o núcleo do sintagma nominal”. Nas orações acima o morfema *mỹ* segue, em 2ª posição, o SN sujeito que está marcado com *fi*, marcador de gênero feminino, seja na oração com verbo transitivo (1) ou intransitivo (2).

3. João mỹ pũ kó?

João INT pão comer

“João comeu o pão?”

4. João mỹ to hé?

João INT cair

“João caiu?”

²⁸ Apesar do termo partícula ser muitas vezes amplo e distanciado metalinguisticamente, optamos pelo uso devido as teorias utilizadas para a análise.

Em 3 e 4 ocorre a mesma distribuição, o que diferencia é a marcação de gênero, que quando não feminino recebe marcação \emptyset . Segundo D'Angelis (2002) a marcação do masculino, ou melhor, do não-feminino, é opcionalmente marcado com *tí*. A marcação do não-feminino dificilmente ocorre no dialeto do Apucarantina-PR.

5. Hog hog fi vỹ pẽngre fi tén
cachorro F MS galinha F matar
“A cadela matou a galinha”

6. Hog hog vỹ pẽngre fi tén
cachorro MS galinha F matar
“O cachorro matou a galinha”

7. Pivinh fi vỹ kasĩn kó
gato F MS rato comer
“A gata comeu o rato”

8. Pivinh vỹ kasĩn kó
gato MS rato comer
“O gato comeu o rato”

Em 9 e 10, o núcleo do SN Tubarão Indígena corresponde a um time de futebol, por isso é marcado com o plural masculino *ag* seguido pelo morfema interrogativo *mỹ*.

9. Tubarão ãnhigenã ag mỹ jogo ki vẽnhmã?
Tubarão Indígena PL INT jogo LOC ganhar/vencer
O Tubarão Indígena ganhou o jogo?

10. Tubarão ãnhigenã ag mỹ vẽnhmã?
Tubarão Indígena PL INT ganhar/vencer
O tubarão indígena ganhou?

Os marcadores de gênero em Kaingang também estão relacionadas com número, dessa forma, a marcação do não-feminino plural, em 9 e 10, se torna obrigatória.

11. Ēg mỹ jogo ki vënhmã?
 1PL INT jogo CIRC ganhar/vencer
 “Nós ganhamos o jogo?”

12. Ā mỹ tugtó to há nĩ?
 2SG INT ler gostar ASP
 “Você gosta de ler?”

13. Ā mỹ to hé?
 2SG INT. cair
 “Você caiu?”

14. Fi mỹ to hé?
 3FSG INT cair
 “Ela caiu?”

15. Ti mỹ to hé?
 3MSG INT cair
 “Ele caiu?”

Nas orações de 9-15, o morfema *mỹ* está na 2ª posição também nas orações com sujeitos pronominais, veremos adiante que nem todos os marcadores acompanham sujeitos pronominais.

Esse padrão corrobora com as ideias de Payne (1997), que, como visto anteriormente, ensina que o uso de partículas interrogativas é mais comum em línguas OV, e pode ser cliticizada no primeiro constituinte da oração (antes ou depois). Para König e Siemund (2007), a maioria das línguas apresenta a partícula no final da oração; o Kaingang vai contra essa generalização, já que sua ordem canônica é SOV e a partícula interrogativa está mais ao início da oração, logo após o sujeito. Em conversas com nossa colaboradora, a princípio não há uma entonação específica para as orações interrogativas.

Nas interrogativas constituintes não foram identificados morfemas comuns em todas as orações, o uso das palavras interrogativas (*ũ nỹ, ũ, hëri ken, hëra, ne, hëri ke kỹ*) descarta funcionalmente o uso das partículas interrogativas; apesar disso, foram encontrados outros morfemas localizados após aos sujeitos.

16. Maria fi tỹ hẽ ri ken kỹ fỹ já ně.

Maria F MS por que chorar MOD será que

Por que Maria chorou?

17. Hẽra Maria fi vyr?

Aonde Maria F ir

“Aonde a Maria vai?”

18. Hẽri ken kỹ Maria fi Londrina vyr?

Como Maria F Londrina ir

Como Maria vai para Londrina?

Em 16-18, assim como nas orações interrogativas polares, os SNs sujeitos receberam o marcador de gênero *fi*, e apenas em 16 houve ocorrência de um *indicador de sujeito*, o morfema *tỹ*, que será discutido adiante.

A palavra interrogativa *hẽri ken kỹ* possui dois significados diferentes: em 16 corresponde a “por quê” e em 18 “como”. Em conversas com nossa colaboradora, a diferenciação é feita pela entonação e pela posição na oração.

Para Wiesemann (2011), a entrada *hẽri ken kỹ* está definida apenas como indicador de circunstância “Por quê?”; a correspondência a “como?” é *ri*, classificado pela autora também como indicador de circunstância.

19. Hẽ mĩ Pedro vỹ vyr?

Por onde Pedro MS ir

“Por onde Pedro foi?” (quando há dois caminhos)

20. João vỹ ne kó?

João MS o que comer

“O que João comeu?”

Nas orações com sujeito nominal não-feminino (19-20), observa-se a marcação de gênero \emptyset , mas há o morfema *vỹ*, que, segundo Wiesemann (2011), expressa tópico; como será visto adiante, há ocorrência desse morfema também em SNs sujeitos femininos. Tabosa (2014) explica que, segundo seu informante, quando o sujeito possui o traço semântico + feminino, o uso de *vỹ* é opcional. Ao perguntar para nossa colaboradora, ela disse que tanto para não

feminino quanto para feminino é opcional. O fato de ser opcional nos faz questionar a função do morfema; é plausível que seja marcador de tópico, visto que dependerá da situação pragmática: na situação de fala, o falante opta pelo uso ou não do morfema.

As orações com a palavra interrogativa como sujeito apresentaram o morfema *nĩ* posposto a ele:

21. Û *nĩ* gãr kó?
 Quem milho comer
 “Quem comeu o milho?”

22. Û *nĩ* to hé?
 Quem cair
 “Quem caiu?”

Em 21 e 22, observa-se a presença do morfema *nĩ* após ao pronome *ũ*, que foi classificado por Wiesemann (2011) como “sujeito é tópico e contrastado com *vĩ*, mudança de sujeito” e como “tópico na pergunta”. Entendo com “mudança de sujeito”, a referência da palavra interrogativa a um elemento externo da oração. Em 21 e 22 temos o *ũ* como o sujeito da oração recebendo o morfema em 2ª posição, diferentemente das orações a seguir:

23. Û mré fag vēmén é?
 Quem com 3FPL falar/conversar ASP
 “Com quem elas conversaram?”

24. Û krĩ kri ti kutē pã ti?
 Quem cabeça em cima 3MSG cair pedra 3MSG
 Na cabeça de quem caiu a pedra?²⁹

Nas orações 23 e 24, não há o morfema *nĩ*, pois o pronome não é o sujeito. Se acrescentado o morfema *nĩ* em 23, a oração mudaria para “Quem que conversava com elas?”; nesse ponto, o morfema age como um modificador, segundo Tabosa (2014), o morfema *nĩ* é marcador de nominativo.

²⁹ A tradução mais precisa e literal seria “Na cabeça de quem, ela, a pedra, caiu ela?”.

Nas orações seguintes, com sujeito pronominal, não há morfemas pospostos ao sujeito, exceto pelo *tỹ* em 25.

25. Ęg tỹ hẽ ri ken kỹ jogo kren né?
 1PL MS por que jogo perder
 “Por que nós perdemos o jogo?”

Adiante discuto a presença do morfema *tỹ* nas orações 18 e 25, que tem em comum a presença da palavra interrogativa *Hẽ ri ken kỹ* (Por quê?).

26. Ne to ag vēmén?
 O que sobre 3MPL falar/conversar
 “Sobre o que eles falaram?”

27. Ā ne kó?
 2SG o que comer
 “Você comeu o quê?”

28. Hẽ ri ken kỹ fi ter?
 Como 3FSG morrer
 “Como ela morreu?”

A oração 26 está tem a palavra interrogativa como a 1ª constituinte da oração, em 27 após o pronome sujeito e em 28 *hẽ ri ken ky* corresponde ao “como” em português. Em 29, a palavra interrogativa também está como 1ª constituinte da oração.

29. Hẽ tá ti to hé?
 Onde 3MSG caiu
 Onde ele caiu?

Nas orações declarativas positivas e negativas é possível verificar a presença de *vỹ* para SNs femininos e não femininos, seja em nomes próprios ou não, mas não em sujeitos pronominais.

30. Ana fi vỹ gãr to há tũ nĩ.
 Ana F MS milho gostar não ASP
 “Ana não gosta de milho”

31. Maria fi vỹ gãr to há nĩgtĩ.

Maria F MS milho gostar ASP

“Maria gosta de milho”

32. Maria fi vỹ jun tũ nĩ.

Maria F MS chegar não ASP

“Maria não chegou”

33. Maria fi jun.

Maria F chegou.

“Maria chegou”

Nas orações anteriores (30-33), vỹ ocorre em 2ª posição, tanto nas orações declarativas positivas quanto nas negativas, independentemente de o verbo ser transitivo ou intransitivo. Apesar de poucos dados como 33, a ausência do morfema comprova o caráter opcional mencionado anteriormente.

34. João vỹ kakanẽ ko vãnh nĩ.

João M frutas comer não ASP

“João não come frutas.”

35. João vỹ tugtó to há nĩgtĩ.

João MS ler gosta ASP

“João gosta de ler.”

36. Pedro vỹ fỹ tũ nĩ

Pedro MS chorar NEG ASP

“Pedro não chorou.”

37. Pedro vỹ jun

Pedro MS chegar

“Pedro chegou.”

38. Tubarão ãnhigenã ag vỹ jogo ki vẽnhmã

Tubarão indígena PL MS jogo CIRC ganhar/vencer

“O Tubarão Indígena ganhou o jogo.”

Em 34-38 o núcleo do SN é marcado por *vỹ* em todos os dados. Em 34 temos a negativa feita por *vãnh*, diferentemente de 36 em que é feita por *tũ*. A explicação é que *vãnh* expressa negação temporalmente absoluta, ou seja, em nenhum intervalo de tempo, significando *nunca*, enquanto *tũ* expressa negação temporalmente pontual.

39. Sĩ vỹ gĩr prã
Mosquito MS criança morder
“O mosquito picou a criança.”

40. Sĩ vỹ gĩr prãg tũ nĩ
Mosquito MS criança morder NEG ASP
“O mosquito não picou a criança.”

41. Hinh vỹ ter tũ nĩ
Tatu MS morrer NEG ASP
“O Tatu não morreu.”

42. Pirã vỹ mro
Peixe MS nadar
“O peixe nadou.”

43. Hoghog fi vỹ pẽngre fi tén
Cachorro F MS galinha F matar
“A cadela matou a Galinha.”

Em nomes não próprios (39-43), o mesmo ocorre, o morfema *vỹ* em 2ª posição em relação ao SN, seja feminino ou não-feminino.

44. Isỹ jẽn ke vễ
Eu comer vou ASP
“Eu vou comer.”

Na oração 44, o indicador *tỹ* está aglutinado ao sujeito *isỹ* < *inh* + *tỹ*, esse fenômeno foi registrado por Wiesemann (2011) o encontro entre *nh* e *t* em fronteira de palavra gera o fone [ʃ], como também acontece com *isóg* < *inh* + *tóg*.

45. Mro to inh há tũ nĩ
 Nadar eu gostar não ASP
 “Eu não gosto de nadar.”

46. Tĩ tũ inh nĩ
 ir não eu ASP
 “Eu não fui.”

47. Jun inh
 Chegar eu
 “Eu cheguei.”

48. Jun tũ ti nĩ
 Chegou não ele ASP
 “Ele não chegou.”

49. Jun ti
 chegar ele
 “Ele chegou.”

50. Pũ ko ti
 pão comer ele
 “Ele comeu o pão.”

51. Jun tũ fi nĩ
 Chegar não ela ASP
 “Ela não chegou.”

52. Escola ra fi vỹr
 Escola para ela ir
 “Ela foi para escola.”

53. Jun fi
 chegar ela
 “Ela chegou.”

54. Junjun ãg
 Chegamos nós
 “Nós chegamos.”

55. Vár tũ ãg nĩ
 Cair não nós ASP
 “Nós não caímos.”

56. Jogo ki ãg vënhmã
 Jogo CIRC. nós ganhar/vencer
 “Nós ganhamos o jogo.”

Nas orações declarativas positivas e declarativas negativas com sujeito pronominal a marcação de sujeito é Ø, sendo agramatical sua utilização.

Tendo em vista os dados acima, não é possível concluir que o *vĩ* marca orações declarativas, já que também aparece em outros tipos de oração. Não é visível que as orações estejam no limite entre os tipos básicos de oração, ou seja, não há, aparentemente, uma força ilocucionária que ocasione um tipo indireto de ato de fala. Além disso, como visto em Payne (1997), geralmente as línguas que possuem marcações especiais para atos de fala, o tipo declarativo recebe marcação zero.

O Kaingang tem várias formas de realizar o imperativo. Como visto anteriormente, o imperativo normalmente se refere a assuntos de segunda pessoa, no qual, muitas vezes, a pessoa é omitida. A vista disso, dificilmente terá o sujeito exposto e conseqüentemente um morfema marcador de sujeito.

57. ã kakã kyku rỹ!
 2SG.POSS rosto limpar ASP
 “Limpe seu rosto!”

58. ãjag tarefa hynhan rỹ, gĩngĩr.
 2PL.POSS tarefa fazer PL ASP crianças
 “Façam suas tarefas, crianças!”

59. Mũjé há.
 vamos agora.
 “Vamos embora.” (agora)

60. Nūr rỹ, João!
 Dormir IMP João
 “Durma, João!”

61. Nũgnūr rỹ!
 Dormir IMP.
 “Durmam!”

Em 57, 58, 60 e 61, temos o *rỹ* ao final de oração. Segundo Wiesemann (2011), é indicador de aspecto “imperativo neutro”.

Em relação à oração 59, nos dados de Nascimento (2017), em vez da palavra *mũjé* para “vamos” é utilizado *mũnỹ*, que, segundo a autora, o morfema *nỹ* pode ter se originado do processo: *mũn ha jé* → *mũn ha* → *mũ nỹ*, o que também explicaria nosso dado, mas pelo processo: *mũ ha jé* → *mũ jé*. Apesar de que, no Apucarantina, também há ocorrência do termo *mũnỹ*.

Nos imperativos negativos foi encontrada (62) a forma *Ker* (não faça, não deixe acontecer)...*hẽ* (não faça) , já documentada por Wiesemann (1972, 2011) como um *indicador de opinião de proibição*, não é, portanto, classificada como um *indicador de sujeito*.

62. Ker kagrã hẽ!
 IND.O. comer tudo IND. O.
 “Não comam tudo!”

63. Pẽngre fi tãnh tũg nĩ!
 galinha F matar não ASP
 “Não mate a galinha!”

64. Tĩ tũg rỹ.
 ir não IMP.
 “Não vá embora” (agora)

A oração 63 e 64 utilizam o *tũg* para o proibitivo. As orações 59, 62 e 63 não usam *rỹ* para marcar o imperativo. Segundo Wiesemann (2011) *rỹ* quer dizer “faça isso agora”, o que sugere que as orações 59, 62 e 63 trazem outro tipo de

imperativo. Porém, percebe-se nas orações imperativas que não há morfemas específicos após os sujeitos, o que desvia do objetivo deste trabalho, sendo, portanto, necessária a análise mais profunda dos imperativos na língua Kaingang.

Para o imperativo optativo, ou seja, que se refere à 3ª pessoa, a língua apresenta o morfema *jé* na 2ª posição após o sujeito. Podemos notar a força ilocucionária de desejo, o que corrobora, em partes com a definição de Wiesemann (2011): “sujeito antecipa a ação, ação desejada pelo falante”³⁰.

65. Topẽ jé ã ajunan!

Deus IMP você ajuda

“Que Deus te ajude!”

66. Ā jóg tỹ kãnhmar vỹn ra!

Seu pai MS logo voltar ASP

“Tomara que seu pai volte logo!”

67. Tỹ ã jé gĩr há nĩg!

EXIS. você IMP. menino/criança bom ASP

“Seja um bom menino!”

68. João jé kakanẽ e kanẽ kỹ Maria fi mỹ vin.

João IMP. colher muito fruta CONJ Maria F para dar

“Que João colha muitas frutas para Maria”

69. Maria fi jé tỹ mỹnh há nĩg!

Maria F IMP MS mãe boa ASP

“Que Maria seja uma boa mãe!”

Em 69, há ocorrência do morfema *tỹ* na 2ª posição, em 66 na 3ª e em 67 na 1ª. O morfema *tỹ*, nas descrições de Wiesemann (2011) possui as seguintes definições: i) indicador de circunstância “com, por” localizado ao final da oração; ii) indicador de ergatividade localizado após ao sujeito; iii) indicador de existência, como primeiro constituinte da oração; iv) indicador de tópico, localizado após o

³⁰ Não há explicações mais profundas sobre a interpretação metalinguística da autora para a definição que “sujeito antecipa a ação”, bem como não foi compreendida com base nas orações elicitadas.

sujeito da oração. A seguir, repito as orações em que há ocorrência desse morfema, para facilitar a leitura siga a numeração dos exemplos:

70. Maria fi tỹ hẽ ri ken kỹ fỹ jã nẽ.
 Maria F MS por que chorar será que
 “Por que Maria chorou?”

71. Ęg tỹ hẽ ri ken kỹ jogo kren né?
 Nós MS por que jogo perder
 “Por que nós perdemos o jogo?”

Em comum, as orações interrogativas que apresentaram o morfema *tỹ* posposto ao sujeito possuem a palavra interrogativa *por que?* Em 70, acompanha o SN sujeito feminino e, em 71, o pronome de primeira pessoa no plural.

72. Ā jóg tỹ kãnhmar vỹn ra!
 Seu pai MS logo voltar ASP
 “Tomara que seu pai volte logo!”

73. Tỹ ā jé gĩr há nĩg!
 EXIS 2SG IMP menino/criança bom ASP
 “Seja um bom menino!”

74. Maria fi jé tỹ mỹnh há nĩg!
 Maria F IMP MS mãe boa asp
 “Que Maria seja uma boa mãe!”

Nas orações imperativas, o morfema *tỹ* apareceu apenas nas optativas, em 72, em 2ª posição em relação ao SN sujeito “*ā jóg*”; em 73, como o primeiro constituinte da oração, portanto não é *indicador de sujeito*, encaixando-se na definição de *indicador de existência*³¹; e em 74, está junto ao marcador de imperativo *je*. Este trabalho não tem como objetivo analisar a ocorrência desse morfema específico, porém, notei que é comum ocorrer acompanhado do verbo *ser* e com alguns verbos que expressam movimento, por exemplo, *voltar*, *andar*,

³¹ Termo de Wiesemann (2011)

jogar, descer, e também quando se refere a um numeral, como será visto nas narrativas a seguir.

5.2 Coerência Referencial: narrativas

A hipótese levantada por essa análise diz respeito a função do morfema *tóg* nas narrativas coletadas. A hipótese é de que o morfema desempenha a referencialidade anafórica e catafórica do SN sujeito no decorrer da narrativa.

Para a análise das narrativas fiz uma descrição dos marcadores de sujeito conforme ocorreram, ao final apresento uma conclusão considerando a hipótese. As narrativas são transcrições de uma fala próximo ao natural, dessa forma, há presença de marcadores conversacionais, como repetição, hesitação e algumas palavras como *sir* que corresponde ao *daí* do português.

Narrativa A

A narrativa A é contada em 3ª pessoa, mas com discurso direto, alternando, pois, as pessoas do discurso, que ora é 3ª pessoa do singular ora é 1ª pessoa do singular.

A1. Manu fi vỹ tóg isỹ vãhã kusãg ki vënhránrán mũ kã
 Manu F MS MS 1SG.MS quando manhã LOC estudar ASP LOC

inh Nu fi mré ke, he mũ.
 1SG Du F com fazer dizer ASP

“Manu disse: quando eu comecei a estudar de manhã, eu estudei com a Du, disse.”

Acima o SN *Manu fi*, há dois morfemas *vỹ tóg*, ambos na 2ª posição do sujeito nominal. Podemos dizer que o *vỹ* está marcando o tópico da oração, esse morfema é utilizado exclusivamente em sujeitos nominais, e o *tóg* marca a quem os pronomes fará referência durante a narrativa. Segundo nossa colaboradora o *tóg* desempenha uma função pronominal, mas não é um pronome. O segundo sujeito *isỹ* é o pronome 1ª pessoa do singular aglutinado com o morfema *tỹ*.

A2. Kĩ fi tóg... kĩ fi... kĩ inh a, b, c, d ki kanhrãn, he gé.
 então ela MS então 3FSG então 1SG a b c d aprender dizer também
 “Então ela...então ela...eu aprendi o a, b, c, d, disse também.”

Em A2 o morfema *tóg* marca o pronome feminino de 3ª pessoa *fi* se referindo ao SN sujeito de A1, a hipótese é que o morfema faça parte de um processo ativação atencional, caracterizando o sujeito da narrativa. A 1ª pessoa do singular *inh* recebe marcação Ø.

A3. Kar kĩ fag tóg rekrejo ki pastel mré renhte kronkron já nĩ.
 Depois 3FPL MS recreio LOC pastel com leite beber MO ASP
 “Depois elas tomaram leite com pastel no recreio.”

Em A3, o *tóg* está marcando o sujeito pronominal de 3ª pessoa do plural *fag*, que segundo Abreu (2009) marca o plural do gênero feminino e casal, referente aos SNs *Manu* e *Du* de A1.

A4. Kĩ fi tóg “isi”, he mũ.
 então 3FSG MS vixi, dizer ASP
 “então ela disse ‘vixi’.”

Acima, o pronome *fi* é também marcado pelo *tóg*, referenciando anaforicamente a um sujeito já expresso.

A5. Kar kĩ fi nēji sir Jórje mré óra ki kanhrãn, he fi.
 então 3FSG disse daí Jorge com horas aprender dizer 3FSG
 disse que ela também aprendeu sobre as horas com o Jorge, disse ela.

Em A5, *nēji* é classificado em Nascimento (2017) como um marcador evidencial reportativo “ouvi dizer”, o pronome sujeito *fi* é marcado com Ø.

A6. Kĩ hã vẽ.
 então igual é
 “então é isso.”

Narrativa B

B1. Isỹ vãhã uel ra vënhránrán tĩg
 1SG.MS quando UEL LOC. estudar ir

isóg kusãg ki nĩ, 5 óra ki.
 1SG.MS cedo LOC ASP 5 horas LOC

“Quando eu comecei a estudar na UEL cedo, acordava de manhã, às 5 horas”

Na linha 1, o SN sujeito *Inh* (eu) está aglutinado ao morfema *tĩ*, formando o morfema *isỹ*. Com base em nosso corpus, a marcação *tĩ* é comum quando há o substantivo *óra*.

B2. Vó vë! 4 e... 4 e 20 ki, mẽ mỹ!
 não ASP 4 e... 4 e 20 LOC parece

“Não é isso! Às 4 e... 4 e 20, acho!”

B3. Kỹ isóg sir... Kỹ inh sir vënh kypé
 então 1SG.MS daí então 1SG daí tomar banho

“Então eu daí... Então, tomei banho”

Em B3 é iniciado com uma hesitação em que há a aglutinação da 1ª pessoa *inh* com o morfema *tóg*, na oração seguinte a marcação é \emptyset , assim como em B4.

B4. Kar kỹ inh kur rĩnh kar kỹ sir vãhã inh vënhrá vigve
 depois 1SG roupa usar depois daí quando eu caderno ver

“depois vesti minhas roupas, daí dei uma olhada nos meus cadernos,”

A hipótese é que o período da narrativa não se encerrou, não sendo necessário a ativação atencional. No momento em que é iniciado um novo período com a conjunção *kỹ* o sujeito é marcado, como em B5, *sóg*, uma forma reduzida de *isóg*.

B5. kỹ sóg sir vãhã vënh kãn kar kỹ,
 Então 1SG.MS daí quando aprontar depois,

kỹ inh sir ũnĩmũ jãvãnh jé kutě, pũto ra ijóg mré.
 então 1SG daí ônibus esperar para sair ponto LOC meu pai com
 “então saí esperar o ônibus no ponto com meu pai”

B6. Kỹ ijóg sir... vó vễ!
 então 1SG.POSS.pai daí não ASP

ljóg vỹ ijo vyr ũnĩmũ ũ kãmĩ.
 1SG.POSS.pai MS antes ir ônibus outro CIRC

“Então meu pai... não é! Meu pai foi antes de mim com outro ônibus”

Em B6 o SN sujeito *ijóg* no segundo período está marcado com o morfema *vỹ*, desempenhando papel pragmático de tópico, primeira vez introduzido no discurso como sujeito.

B7. Kỹ inh kar kỹ nĩ kỹ vyr ti nón, vễhrárán jé.
 então 1SG depois ASP então ir 3MSG atrás estudar para
 “Então, depois eu fui atrás dele, para estudar”

Em B7, o pronome de 1ª pessoa no singular recebe marcação Ø.

B8. Jãvo tóg sir rãnhrāj jé tĩg.
 mas 3MSG daí trabalhar para ASP
 “E ele foi trabalhar”

Em B8, *tóg* faz a função de pronome masculino de 3ª pessoa em contexto anafórico, se referindo ao *ijóg* (meu pai) presente em B6.

B9. Kỹ isóg sir vễhrárán, professora fi mré.
 então 1SG.MS daí estudar professora F com
 “então eu fui estudar, com a professora”

B10. Professora ũ fi mré isóg vễhrárán uel tá.
 Professora outro F com 1SG.MS estudar UEL LOC
 “Estudei com outra professora lá na UEL”

B11. Kÿ isóg sir vëhránrán kar kÿ kãtĩ mũ.
 então 1SG.MS daí estudar depois voltar ASP
 “Depois de estudar voltei”

Em B9, B10 e B11 o sujeito com marcação anafórica, *isóg*, é repetido.

B12. Kÿ hã vë.
 então igual é
 “Então é isso.”

Narrativa C

A narrativa C inicia com um diálogo entre a entrevistadora e a entrevistada.

C1. – Manu inh mré tónh jé kãtĩg.
 Manu mim com contar para venha
 “Manu venha contar para mim.”

C2. Hÿ mÿ hamê? Samano ka inh hë ri ké?
 verdade INT isso sábado LOC 1SG o-que-fazer
 “Hë ra inh vyr vë?”
 para onde 1SG ir ASP
 “É sério isso? O que eu fiz no sábado? ‘Onde eu fui?’”

A marcação de sujeito em C2 é Ø, a hipótese para a marcação ser zero é, o fator opcional do morfema.

C3. He sóg mũ... Nÿ ke ma to jykrén... Samano kã inh... ha?
 Dizer 1SG.MS ASP deixar sobre pensar sábado LOC 1SG não sei
 “Estou dizendo... Deixa eu pensar sobre... No sábado eu.... Não sei?”

Em C3 o primeiro SN sujeito é marcado por *tóg*, mas por ser pronome de 1ª pessoa no singular é aglutinado ao marcador, o falante optou pela forma reduzida *sóg*, no segundo período da oração a marcação é Ø, assim como nas linhas C4 e C5.

C4. Měmỹ inh jun tũ nĩ. Samano... nỹ hamě?
 parecer 1SG chegar não ASP sábado MS né
 “Parece que eu não cheguei, no sábado...”

C5. Sexta, samano ka inh, inh regre fi ĩn ra vyr,
 sexta sábado LOC 1SG 1SG irmã F casa LOC ir
 inh régre fi ĩn ra.
 1SG irmã F casa LOC
 “na sexta e sábado eu, eu fui na casa da minha irmã, para a casa da minha irmã.”

C6. Kỹ ěg tóg ta ũn e fag vigvé, inh kankã fag.
 Então 1PL MS loc outro muito meninas ver PL. 1SG.POSS primas
 “Então encontramos muitas meninas, minhas primas.”

C7. Hãra ěg tóg sir, rãké e kỹ ěg tóg kutyg
 Mas 1PL MS daí tarde muito então 1PL MS escurecer
 kỹ greja mĩ kãmũ mũ gé,
 então igreja LOC chegar ASP também
 “Mas entardeceu e fomos também para igreja”

Em C6 e C7, o sujeito pronominal 1ª pessoa do plural é marcado com *tóg*.

C8. greja mĩ, ěg tỹ jãnjãn jé.
 igreja LOC 1PL MS cantar para
 “na igreja, para cantarmos.”

Em C8, o pronome *ěg* é marcado com *tỹ*, e retomado em C9, marcado por *tóg*.

C9. Hãra ěg tóg sir jãnjãn kar kỹ,
 Mas 1PL MS daí cantar depois
 “Depois de cantarmos,”

C10. ag tỹ jãnjãn kar kỹ ěg tóg sir mũ mũ.
 3PL MS cantar depois 1PL MS daí andar ASP
 “depois que eles terminaram de cantar, então nós fomos”

Em C10, há o sujeito masculino 3ª pessoa do plural *ag* marcado por *tỹ*.

C11. Kutỹ kãmĩ ěg tóg mũg tĩ. Hãra ěg tóg sir...
 noite por dentro 1PL MS andar ASP então 1PL MS daí
 “Andamos na noite...Então nós...”

Em C11, os dois sujeitos de 1ª pessoa do singular estão marcados com *tóg*.

C12. mũ ki kurãgrãg, mũ ki ěg kurãgrãg.
 andar em amanhecer andar em 1PL amanhecer
 “Andamos até amanhecer, andamos até amanhecer”

Em C12, o colaborador constrói uma oração, mas parece que nota a falta do sujeito e refaz a oração inserindo-o (*ěg*), que se apresenta sem marcador.

Em C13, por sua vez, o sujeito pronominal *ěg* recebe marcação \emptyset , assim como em C12. No segundo período, porém a marcação do pronome é feita com *tỹ*.

C13. Hãra tóg sir ěg mỹ sér tĩgtĩ,
 Mas ANÁFORA daí 1PL para feliz ASP
 ěg tỹ jagně mré mũ kar nĩ kỹ.
 1PL MS juntos com andar todos ASP então
 “Mas é porque ficamos felizes, quando andamos todas juntas”

C14. Kỹ inh kurã ra hã jun.
 então 1SG manhã LOC realmente chegar
 “Então eu cheguei de manhã.”

O sujeito da oração C14 recebe marcação \emptyset .

C15. Kỹ hã vë ha.
 Então igual é agora
 “Então é isso.”

Narrativa D

A D é uma narrativa contada na 1ª pessoa, em que a construção 1ª pessoa do plural + marcador *tóg* (*ẽg tóg*) se repete em D1, D2, D3, D4 e D8.

D1. *Kỹ ẽg tóg, samano ẽn kã,*
Então 1PL MS sábado aquele LOC

mora he jé kãmũjẽg gé mÿr, kÿpeonãto to.
bola jogar para também certamente campeonato LOC
“Então, naquele sábado, viemos para jogar bola, no campeonato”

Em D1 o sintagma verbal “jogar bola” é composto pelas palavras *mora* (bola) + *he*, fazendo com que o substantivo *mora* se torne uma ação, um verbo. A palavra *mora* é um empréstimo da língua portuguesa que foi adaptada à língua kaingang, assim como o substantivo *kÿpeonãto*.

D2. Meio dia e quarenta e cinco *ki ẽg tóg comesan.*
meio dia e quarenta e cinco LOC 1PL MS começar
“Começou ao meio dia e quarenta e cinco.”

D3. *Hãra ẽg tóg...*
mas 1pl ms

Hãra inh régré tóg inh kato mora he gé.
mas 1sg.poss irmão 3sg 1sg no outro lado bola jogar também
“Mas meu irmão jogou contra mim”

O *tóg* é usado como pronome masculino de 3ª pessoa, referindo-se ao SN *inh régré* (meu irmão), e a 1ª pessoa do singular recebe marcação Ø

D4. *Ha ẽg tóg vënhmãg nĩ ẽg tóg ke gé vë,*
agora 1pl ms ganhar asp 1pl ms também asp.

hãra ag tóg ẽg mré patan, patan e gé.
mas eles MS 3MPL com empatar empatar fazer também
“Estávamos ganhando, mas eles empataram, empataram”

D5. Kÿ ãg quatro a quatro ki patan gé, jogo ti.
 então 1PL quatro a quatro LOC empatar também jogo 3MSG
 “Então empatamos de quatro a quatro.”

Em D5, a 1ª pessoa do plural recebe marcação Ø.

D6. Ëg tÿ quatro a três kã nĩ ra,
 1PL MS quatro a três estar dentro

 inh régre tóg sir ag mÿ patan gé sir,
 1SG irmão MS daí 3PL para-empatar também daí
 “Estávamos de quatro a três, meu irmão empatou para eles,”

Na linha D6, a 1ª do plural recebe o marcador *tÿ*, no segundo período da oração o *tóg* marca o SN *inh régré*, pois, nesse momento, é o sujeito da oração, o pronome de 3ª pessoa (*ag*) não recebe marcação, já que tem a função de objeto.

D7. kÿ ag tóg ãg mré patan sir.
 Então 3PL MS 1PL com empatar daí
 “então eles empataram com nós”

Na linha D7, o pronome *ag* passa a receber o marcador *tóg*, indicando o sujeito e anaforicidade, referindo-se a ‘eles’ da oração anterior.

D8. Kÿ ãg tóg sir jãpry kÿ sir,
 Então 1PL MS daí caminho então daí
 “Então subimos,”

D9. ãg time ag hã to jũgjũ tĩ gé sir,
 1PL time PL contra bravos ASP também daí

 ke kórég tavĩ ãjag nÿtĩ mÿr” he kÿ.
 dizer feio muito mesmo 2PL saber verdade dizer então
 “e nós brigamos com o nosso time ‘vocês não sabem jogar bola’, dissemos”

Em D9, a última oração, a marcação é Ø.

D10. Kĩ hã vễ.

Então igual é

“Então é isso.”

Narrativa E

A narrativa E é também uma narrativa de 1ª pessoa, mas, a partir de E18, há um diálogo que ocorreu no momento da narrativa, que se encerra em E25. Por conta disso, nomeei os participantes enumerando-os.

Participante I

E1. Samano kã ag tóg inh mỹ: “mora hé jé” he mũ.

Sábado LOC 3PL MS 1SG para bola jogar IMP. dizer ASP

“Naquele sábado eles me disseram ‘vamos jogar bola’, disseram.”

Em E1, o SN sujeito é *ag* marcado por *tóg*.

E2. Kĩ isóg... Inhĩmĩ tágtũ ag tóg inh mỹ ke vễ,

então 1SG.MS times três 3PL MS 1PL para dizer ASP

“Então eu...três times tinham me dito”

Em E2, o discurso é hesitado, iniciando a 1ª pessoa do singular aglutinada a *tóg*, mas muda para o sujeito de E1, *ag tóg*.

E3. hára isóg sir Chelsea ag mré inh kenh ke mũ, hễ mũ.

Mas 1SG.MS daí Chelsea PL com 1SG ir FUT ASP dizer ASP

“mas eu disse que iria jogar com o Chelsea, disse”

E4. Kĩ kusãg ki, inh tivo vỹ iso RG kaněnh jé tĩg,

Então manhã LOC 1SG. tio MS mim RG procurar para ir

“Então de manhã o meu tio foi procurar meu RG para mim,”

Em E4, o SN *inh tivo* (meu tio) é introduzido e marcado por *vỹ*, marcação para sujeito nominal. Esse sujeito não será retomado durante a narrativa, mas funciona como tópico dessa oração.

E5. kỹ isóg sir kanẽ kỹ ti mỹ ním mũ.

Então 1SG.MS daí procurar então 3SG para dar ASP

“então eu procurei e entreguei para ele”

Em E5, o sujeito 1ª pessoa do singular é aglutinado ao marcador *tóg*.

E6. Kỹ inh ne ti mré tĩ mũ gé, inh titija fi ãn ra.

Então 1SG MS ele com ir ASP também, 1SG titia F casa LOC

“Então fui com ele para a casa da minha tia...”

E7. Kỹ ti ne sir inh mỹ:

Então 3MSG MS daí dizer para

“ũn tỹtá fag tỹ mora he venh mũ jé”, he mũ.

meninas F.PL MS bola jogar ver (FUT) vamos FUT dizer ASP

“Então ele disse para mim: “Vamos descer para assistir o jogo das meninas”, ele disse.”

O sujeito de E6 recebe marcação *ne*, assim como em E7, E11, E13, E14 e E26. Esse morfema, segundo Wiesemann (2011), é *indicador de sujeito*: “sujeito é originador da ação” e “sujeito tem sentimento”. Nascimento (2017) classifica o morfema *ne* como marcador de miratividade. “Em certos contextos aparece sozinha na sentença na função de núcleo oracional e outras vezes interage com o núcleo oracional *tỹ* [...]” (NASCIMENTO, 2017, p. 37). Para a autora, esse morfema indica “informação nova para o falante, algo inesperado, surpresa, admiração”, e ao consultarmos nossa colaboradora, o mesmo ocorre no dialeto do Apucarânia.

E8. Samano ãn kã mỹr.

Sábado aquele LOC certamente

“Certamente naquele sábado.”

E9. Kỹ ãg tóg sir ra mũ mũ.

Então 1PL MS daí LOC andar ASP

“Então descemos para lá”

Em E9, o sujeito pronominal é retomado e marcado por *tóg*.

E10. Hãra tóg krũjũ tóg, tỹ 10 óra ra.
 Mas ms cerração ms exis 10 horas loc
 “Mas tinha cerração, às 10 horas.”

Em E10, a presença dos dois morfemas *tóg* se justifica, segundo nossa colaboradora, pois o primeiro se refere, implicitamente, ao período da manhã e o segundo ao SN *krũjũ* (cerração). No Kaingang, não é possível oração sem sujeito; dessa forma, o *tóg* é utilizado para a concordância.

E11. Kỹ ěg ne sir ra re mũ, kỹpu ra.
 então 1PL MS daí para sair ir campo para
 Então descemos para lá, para o campo.

E12. Kỹ ěg ne tá fag vỹ sĩ han...
 Então 1PL MS LOC 3FPL ver um pouco fazer
 “Então nós assistimos um pouco elas”

E13. Hã kỹ ti ne inh mỹ:
 Igual então 3MSG MS 1SG para
 “ã mỹ ěg hã mré kenh ke mũ?”,
 2SG INT 1PL igual com jogar FUT ASP
 he mũ he vỹ, Luỹ,
 dizer ASP dizer ASP Luan
 “Por isso que ele me perguntou: “você vai jogar com nós?” ele disse, o Luan.”

Em E13, a oração entre aspas é uma oração interrogativa polar, portanto o marcador *mỹ* está em 2ª posição ao SN sujeito.

E14. Hãra isóg tagki, inh Chelsea ag mré kenh ke mũ ver...
 Mas 1SG.MS este-em 1SG Chelsea PL com jogar FUT ASP ainda
 “Mas eu nele, eu vou jogar com o [neste] Chelsea ainda...”

Na oração anterior (E14), o SN sujeito 1ª pessoa é aglutinado, novamente, ao morfema *tóg*.

E15. Ag mré inh ki rãnh ke mũ”, he inh.
 3mpl com 1sg loc entrar fut asp dizer 1sg
 “vou entrar com eles, disse isso”

E16. Kỹ inh hẽ nẽ ri ke gé rỹ vá...
 Então 1SG também ASP igual também isso (ANÁFORA) homem

 kỹ inh sir kãtĩg.
 então 1SG daí voltar
 “Então, o que eu fiz também, cara? Então, eu voltei”

E17. Kỹ inh TV ki mrasiv ag tỹ mora he vég nĩgtĩ gé sir.
 Então 1SG TV LOC Brasil PL MS bola dizer ver (FUT) ASP também daí
 “Então também fiquei assistindo o Brasil jogando na TV.”

Em E17, a 1ª pessoa *inh* recebe marcação zero, porém, o SN *mrasiv ag* é marcado com *tỹ*.

E18. “samano ki mẽ?”
 sábado loc intj
 “no sábado, né?”

Participante II

E19. –“hỹ’y... Kusãg ki ãn týtá fag vỹ ke nỹti fag mỹr.”
 Sim cedo LOC menina F.PL MS dizer ASP 3PPL.F verdade
 “Sim, as meninas estavam jogando cedo, elas disseram.”

Participante III

E20. –“Nomĩgo tũ mỹ?”
 Domingo não INT
 “não era domingo?”

Em E20, o marcador de oração interrogativa polar está localizado em 2ª posição em relação ao SN *nomĩgo*.

Participante IV

E21. Nomĩgo ki ke vẽ mỹr.

Domingo LOC certamente
 “verdade, foi no domingo.”

Participante I

E22. Nomĩgo vĕ mÿr
 Domingo certamente
 “verdade, foi no domingo.”

Participante II

E23. Nomĩgo kã ke mÿ hamĕ?
 Domingo LOC fazer INT né
 “foi no domingo?”

Em E23, a marca de oração interrogativa polar está em 3ª posição em relação ao SN *nomĩgo*.

Participante III

E24. hÿ'y
 sim
 “sim.”

Participante II

E25. kÿ inh ne sir fag vĕg nĩ nĩ.
 Então 1SG MS daí 3FPL assistir ASP ASP
 “então, estava assistindo elas,”

Participante I

E26. He mũ ra sir ge ra ijÿ fag tóg:
 Dizer ASP LOC daí também LOC minha mãe F MS
 “mas, mais ou menos nesse horário minha mãe me disse”

E27. “Sãru ra ag mré moro konh mũ jé”, he mũ.
 Salão LOC PL com bolo comer vamos dizer ASP
 “vamos para o salão, comer bolo com eles’, disse”

E28. Kÿ hÿn ge ra sir hÿn ri ke mÿn.

Então mais ou menos mesmo LOC daí talvez

“Então, era mais ou menos nesse mesmo horário.”

E29. Kÿ hã vÿ.”

então igual é

“Então, é isso.”

As narrativas mostraram que o morfema *tóg* é recorrente em comparação com os outros listados por Wiesemann (2011), e em sua maioria expressa anaforicidade ao sujeito do período oracional anterior, mas também em situação catafórica ao introduzir o SN sujeito. Esses fatos colaboram para a hipótese de ser mais usado em narrativas, já que a atenção do ouvinte deve ser retomada no fluxo conversacional. Apesar da sua frequente ocorrência, em alguns casos foi possível constatar sujeitos não marcados, mesmo que ainda pudessem fazer referência anafórica. Esse dado não anula a propriedade anafórica do morfema.

Wiesemann (2011) descreve a propriedade pronominal do morfema *tóg*, que pode ocorrer como 3ª pessoa, exclusivamente em posição anafórica, o que nos leva a pensar que o morfema *tóg* tem como propriedade a anaforicidade e desempenha esse papel tanto com SNs pronominais, como será visto nas narrativas, quanto acompanhando SNs nominais. Além disso, Guérios (1942) atribui a *tóg* a propriedade de pronome demonstrativo “este, este aqui”, usado em “conversação de ênfase”.

Como a gramática de coerência referencial está ligada aos processos de comunicação humana, a referencialidade se dá pelos processos de atenção dispensada pelos participantes no momento da comunicação. Portanto, o morfema pode estar relacionado à topicalidade, tendo o seu uso majoritário em narrativas. Esse fato poderá ajudar pesquisas futuras a compreender a forma como a língua Kaingang desempenha a definição e indefinição, já que, segundo Givón (2001), a gramaticalização primária de definido e indefinido parece ser motivada pela topicalidade.

Como vimos, a topicalidade está ligada a coerência referencial que tem como domínio funcional a gramática dos pronomes e da concordância gramatical,

os sistemas pronominais possuem uma ascensão diacrônica conduzida pela semântica e pela pragmática.

De acordo com os tipólogos, os sistemas de concordância evoluem a partir de uma construção de tópico, na qual um pronome completo (morfologicamente não reduzido) é usado para se referir ao tópico NP anaforicamente. O pronome anafórico é então reduzido a um elemento semelhante ao clítico, embora ainda retenha o conteúdo pronominal. É então ainda reduzido a um afixo morfologicamente dependente, com a subsequente perda do conteúdo pronominal a um mero marcador de concordância³² (MORIMOTO, 2008, p. 199).

Apesar de que esse argumento esteja pautado em uma mudança diacrônica, não é possível verificar esse processo na língua Kaingang, porém podemos perceber dada as definições em Wiesemann e Guérios a propriedade pronominal desse marcador.

Ademais, a definição e a referência se conectam com os papéis semânticos e gramaticais, o que pode explicar a atribuição, em alguns casos, do papel semântico de agente, para o morfema *tóg* e as atribuições de marcadores de caso para esse morfema.

³² “According to typologists, agreement systems evolve from a topic construction, in which a full (morphologically unreduced) pronoun is used to refer to the topic NP anaphorically. The anaphoric pronoun is then reduced to a clitic-like element, while still retaining the pronominal content. It is then further reduced to a morphologically dependent affix, with the subsequent loss of the pronominal content to a mere agreement marker” (MORIMOTO, 2008, p. 199).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados da TI Apucarantina consideramos que i) o morfema *mỹ* é usado para perguntas polares, assim como constatado em outras TIs; ii) não há marcadores de sujeito específicos para orações declarativas positivas e negativas; iii) de 10 indicadores listados por Wiesemann (2011) foram constatados 4 em 65 orações, dado esse que dissemina a função dos morfemas para diversos contextos; iv) as orações imperativas do Kaingang merecem atenção especial em futuros trabalhos, já que aparentam se utilizar de diversas estratégias que escapam dos marcadores de sujeitos; v) nas narrativas que foram coletadas, o indicador mais frequente foi *tóg*, diferentemente das orações elicitadas, em que não houve nenhuma ocorrência; esse fato nos fez considerar a possibilidade de ser um marcador de referencialidade, porém, para melhor constatação é necessária uma análise mais aprofundada e verificar em outros tipos de textos; vi) o marcador *tóg* pode ser usado em sujeitos pronominais, em função de pronome de 3ª pessoa do singular masculino; vii) foi constatado o uso da combinação de marcadores de sujeito, como *vỹ tóg*; viii) a hipótese do marcador *tóg* ser utilizado para coerência referencial deve ser mais aprofundada, pois apesar de apresentar características anafóricas, deve-se considerar que em algumas orações ele não foi utilizado, além de que, segundo nossa informante, o morfema *tóg* pode ser opcional, mas em algumas situações, das quais ainda não é possível explicar, sua presença é obrigatória; ix) o morfema *vỹ* é opcional tanto para sujeitos nominais femininos e masculinos, desde que seja nominal, porém, mesmo que opcional, o falante opta por utilizá-la na maioria dos dados elicitados, com função pragmático de tópico; x) o marcador *nỹ* foi encontrado em orações interrogativas constituintes marcando o sujeito da oração. Por fim, considero que o termo *indicadores de sujeito*, seja um termo genérico para a gama de funções de cada morfema.

Este trabalho objetivou considerar outras perspectivas de análise para além dos aspectos da ergatividade no Kaingang, apesar de que esse assunto ainda deva ser mais discutido em outros trabalhos. A perspectiva pragmática pode ser o caminho para novas descobertas, sem desconsiderar as análises já feitas. O assunto dos *indicadores de sujeito* está longe de ser esgotado, espero que este

trabalho incentive e contribua para pesquisas futuras, seja em Kaingang ou qualquer outra língua.

REFERÊNCIAS

ABNB. A Bíblia no Brasil. Antigo Testamento chega aos Kaingangs. *In: ABNB. A Bíblia no Brasil*, n. 238, p. 18, jan./mar. 2013.

ABREU, Emília Rezende Rodrigues de. **Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em Kaingang**. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

ALMEIDA, Leriana de. **A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua Kaingang: uma proposta de análise**. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962]. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. MARCONDES, Danilo. Desenvolvimentos recentes na Teoria dos Atos de fala.

BARROS, Maria Candida Drumond Mendes. A missão do Summer Institute of Linguistics e o indigenismo latino-americano: história de uma aliança (décadas de 1930 a 1970). **Revista Antropológica**: USP, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 45-85, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ra/v47n1/a02v47n1.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. O papel da pesquisa sociolingüística em projetos de educação, vitalização de língua e cultura: relatos sociolingüísticos iniciais dos avá-canoeiro de minaçu. **Liames: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 113-133, 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/liames/article/view/1416/1406>. Acesso em: 05 jun. 2019.

BOMFOCO, Marco Antônio. **Ergatividade no Kaingang: um estudo descritivo funcional**. 2004. 190 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BOMFOCO, Marco Antônio. Ergatividade: uma síntese tipológico-funcional. *In: BOMFOCO, Marco Antônio. **Cisão de Caso, Telicidade e Posse em Línguas Indígenas Brasileiras***. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2007. p. 94-123 (Coleção Viva Voz).

CROFT, William. Speech act classification, language typology and cognition. *In: TSOHATZIDIS, Savas. **Foundations of Speech Act Theory: philosophical and linguistic perspectives***. London: Routledge, 1994. p. 460-477

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Gênero em Kaingang? *In: SANTOS, Ludoviko dos; PONTES, Ismael (org.). **Línguas Jê: estudos vários***. Londrina: Eduel, 2002. p. 215-242. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/Genero%20em%20Kaingang%20DAngelis.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

D'ANGELIS. O primeiro século de registro da língua Kaingáng (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica. **3º Encontro Macro Jê**. Brasília, LALI-UnB, 2003. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/Primeiros100anos.pdf>. Acesso em 20 set. 2019

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Concordância verbal de número em Kaingáng: algumas pistas. **Liames**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 71-81, set. 2004. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/Concordancia_Kaingang.pdf>. Acesso em: 07 set. 2019.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. O Xoklém, o Kaingáng e sua filiação ao Proto-Jê: antecedentes para uma reflexão atual. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 283-314, dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/12371>. Acesso em: 10 mar. 2019.

DIXON, Robert Malcolm Ward. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994

DIXON, Robert Malcolm Ward. Linguística de campo: um pequeno manual. Tradução de Marcelo Silveira, Luana Costa e Isabella Ferro. **Sprachtypologie und Universalienforschung** (STUF), Berlin, v. 60, n. 1, 12-31, 2007 (não publicado em português).

FELISBINO. Damaris Kaninsãnh. **Variação diastrática na língua kaingang: o verbo ir kanhgág vĩ ki variação diastrática**: vérmo tĩg. 47 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: An Introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. Vol. I.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: An Introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. Vol. II.

GIVÓN, Talmy. **The Grammar of Referential Coherence as Mental Processing Instructions**. Eugene, OR: University of Oregon, Institute of Cognitive & Decision Sciences, 1992.

GREENBERG, Joseph. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, Joseph. **Universals of Language**. Cambridge: MIT Press, 1963, p. 58-86.

GONÇALVES, Solange Aparecida. **Aspecto no Kaingang**. 2007. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Agoncalves-2007/Goncalves_SolangeAparecida_M.pdf. Acesso em: 10 abr. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indígenas: O Brasil Indígena**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/lingua-falada>. Acesso em: 01 jul. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL: **Povos Indígenas do Brasil**. Brasília: ISA, 2018. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quadro_Geral_dos_Povos. Acesso em: 10 jun. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL: **Terras Indígenas**. Brasília: ISA, 2020. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/es/terras-indigenas/3586#direitos>. Acesso em: 05 mar. 2020.

JOLKESKY, Marcelo Pinho De Valhery. **Língua, lexicografia e os SÍlogismos em Kaingang-Português Dicionário Bilingue**. Londrina: UEL, 2006.

KINDELL, Gloria. **Fonêmica Kaingang**. Tradução: Yonne Leite. Anápolis: SIL, [1961] 2008.

KÖNIG, Ekkhard; SIEMUND, Peter. Speech act distinctions in grammar. *In*: SHOPEN, Timothy. **Language Typology and Syntactic Description**. New York: Cambridge University Press, 2007. p. 276-324.

MARCONDES, Danilo. Desenvolvimentos recentes na teoria dos Atos de Fala. **O Que nos Faz Pensar**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 25-39, dez. 2003.

NASCIMENTO, Márcia. **Evidencialidade em Kaingang: Descrição, processamento e aquisição**. 2017. 184 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

NASCIMENTO, Silvia Helena Lovato do. **Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua kaingáng**. 1995. 87 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Declaração universal dos direitos linguísticos: novas perspectivas em política linguística**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

PAYNE, Thomas E. **Describing morphosyntax: A guide for field linguists**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

PIB. Povos Indígenas no Brasil. Terras Indígenas Kaingang. Brasília: PIB, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986. 134 p.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 9, n. 1, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45596>. Acesso em: 03 jun. 2019.

SADOCK, Jerrold; ZWICKY, Arnold. Speech Act Distinctions in Syntax. *In*: SHOPEN, Timothy. **Language Typology and Syntactic Description**. New York: Cambridge University Press, 1985. p. 155-196.

SEARLE, Jonh Rogers. **Expressão e Significado**: estudos da teoria dos atos da fala. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1969]. Tradução de Ana Cecília G. A. de Camargo, Ana Luiza Marcondes Garcia.

SEKI, Lucy. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. **Impulso**, Piracicaba, v. 12, n. 27, p. 233-256, 2000.

TABOSA, Luciana Pereira. **Orações complexas da língua kaingang**. 2014. 255 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

TOMMASINO, Kimiye. **A história dos Kaingáng da bacia do Tibagi**: uma sociedade jê meridional em movimento. 1995. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-27102016-121947/pt-br.php>. Acesso em: 30 maio 2019.

VEIGA, Juracilda. **Organização social e cosmovisão Kaingang**: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade jê meridional. 1994. 226 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

WIESEMANN, Ursula. **Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache**. Paris: Mouton, 1972.

WIESEMANN, Ursula. The Pronoun System of Some Jê and Macro-Jê languages. *In*: WIESEMANN, Ursula (ed.). **Pronominal Systems**. Tübingen: Gunther Narr Verlag, p. 359-380, 1986.

WIESEMANN, Ursula. **Estudo da Gramática a Partir da Análise do Discurso**. 2007.

WIESEMANN, Ursula. **Dicionário Kaingang-Português**. 2. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2011.